



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA SAÚDE

GIOVANNA COSTA FALCÃO

**ANÁLISE DA TÉCNICA DE GRUPO FOCAL *ON-LINE* NA ELABORAÇÃO DO
MODELO LÓGICO DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA**

PALMAS (TO)

2021

GIOVANNA COSTA FALCÃO

**ANÁLISE DA TÉCNICA DE GRUPO FOCAL *ON-LINE* NA ELABORAÇÃO DO
MODELO LÓGICO DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Tocantins para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Saúde.

Orientador (a): Dr^a Marta Azevedo dos Santos
Coorientador (a): Dr^a Renata Andrade de Medeiros Moreira

PALMAS (TO)

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

F178a Falcão, Giovanna Costa.

Análise da técnica de grupo focal on-line na elaboração do modelo lógico do programa saúde na escola. / Giovanna Costa Falcão. – Palmas, TO, 2021.
95 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências da Saúde, 2021.

Orientadora : Marta Azevedo dos Santos

Coorientadora : Renata Andrade de Medeiros Moreira

1. Ciências da saúde. 2. Pesquisa qualitativa. 3. Programas nacionais de saúde. 4. Coleta de dados. I. Título

CDD 610

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

GIOVANNA COSTA FALCÃO

ANÁLISE DA TÉCNICA DE GRUPO FOCAL ON-LINE NA ELABORAÇÃO DO MODELO LÓGICO DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA

Dissertação apresentada ao Mestrado
Profissional em Ciências da Saúde da
Universidade Federal do Tocantins para
a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Marta Azevedo
dos Santos

Aprovada em: 25/11/2021

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Marta Azevedo dos Santos

Orientadora

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT



Profa. Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição

Examinadora Externa

Instituição: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB



Profa. Dra. Leila Rute Oliveira Gurgel do Amaral

Examinadora Interna

Instituição: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus por ter me capacitado e dado forças para seguir em frente e finalizar mais esse ciclo da minha vida.

À minha família por toda paciência e incentivo para não desistir desse sonho, sem esse apoio eu não teria conseguido.

À minha orientadora e coorientadora por todo tempo dedicado, conhecimento compartilhado, apoio e por acreditar no meu potencial.

Aos colegas de mestrado pelo compartilhamento de cada momento e sentimento vivido nessa trajetória, deixando a caminhada mais leve.

Aos profissionais que aceitaram participar da pesquisa, pelo tempo disponibilizado.

Ao Ministério da Saúde pelo Financiamento do Projeto 914BRZ1066/ Edital 01/2018 - Programa Saúde da Escola: Saúde dos Escolares.

A Professora Dra. Maria Inês Gandolfo Conceição, pelo acompanhamento do Projeto 914BRZ1066/ Edital 01/2018 - Programa Saúde da Escola: Saúde dos Escolares.

“Onde quer que haja mulheres e homens, há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.”

Paulo Freire

RESUMO

O grupo focal (GF) é uma técnica de coleta de dados que incentiva o pensamento crítico a partir da interação, muito utilizada em pesquisas qualitativas. O formato *on-line* do GF passou a ser uma realidade com o advento da pandemia da COVID-19 para continuidade das pesquisas. Esta técnica foi empregada na construção do Modelo Lógico (ML) nacional do Programa Saúde na Escola (PSE), que é um programa dos Ministérios da Saúde e Educação desenvolvido nas escolas e territórios da Atenção Primária à Saúde nos municípios brasileiros. O objetivo da pesquisa foi analisar o uso da técnica de GF em formato *on-line* na elaboração do ML do PSE. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado com profissionais envolvidos com o PSE nos estados brasileiros sorteados a partir dos critérios: um para regiões com até cinco estados e dois para regiões com mais de cinco estados, totalizando 7 estados. Os encontros foram agendados com os representantes estaduais do PSE, que receberam informações prévias sobre o objetivo, a dinâmica, os produtos a serem construído e o link para acessar a plataforma virtual *Google Meet*. Foram realizados 8 encontros com variação de 4 a 15 participantes, totalizando 62 pessoas. A técnica de GF no formato *on-line* apresentou boa adesão e demonstrou-se adequada para elaboração do ML do PSE, não sendo detectadas diferenças de acurácia entre a metodologia referente aos GFs presenciais. O procedimento permitiu o debate e a captação de contribuições necessárias à elaboração do ML. Aspectos positivos são a participação simultânea de pessoas em locais diferentes geograficamente distantes, a economia de tempo e de orçamento, tendo em vista o não deslocamento. Em contrapartida, a fácil dispersão e falhas de conexão com a internet apareceram como pontos que devem ser previstos para que diminuam a dificuldade na interação do GF, garantam a otimização do tempo e a participação dos presentes. Recomenda-se o GF *on-line* para desenvolvimento de trabalhos similares.

Palavras-Chave: Pesquisa qualitativa. Programas nacionais de saúde. Coleta de dados.

ABSTRACT

The focus group (FG) is a data collection technique that encourages critical thinking based on interaction, widely used in qualitative research. The on-line format of the FG became a reality with the advent of the COVID-19 pandemic to continue research. This technique was used in the construction of the national Logical Model (LM) of the Programa Saúde na Escola (PSE), which is a Program of the Ministries of Health and Education developed in schools and territories of Primary Health Care in Brazilian cities. The objective of the research was to analyze the use of the FG technique in on-line format in the preparation of the LM of the PSE. This is a qualitative study, carried out with a professional responsible for the PSE in the Brazilian states drawn from the criteria: one for regions with up to five states and two for regions with more than five states, totaling 7 states. The meetings were scheduled with the PSE state representatives, who received prior information about the objective, the dynamics, the products to be built and the link to access a virtual Google Meet platform. Eight meetings were held, ranging from 4 to 15 participants, totaling 62 people. The FG technique in the on-line format has good adherence and is adequate for the preparation of the LM of the PSE, with no differences in accuracy being detected between the methodology referring to face-to-face FGs. The mandatory procedure is the debate and the capture of mandatory preparation of the ML. Positive aspects are the simultaneous participation of people in different geographically distant locations, the saving of time and budget, in view of not having to travel. On the other hand, the easy dispersion and internet connection failures appeared as points that must be met so that the difficulty in the FG interaction is reduced, ensuring the optimization of time and the participation of those present. The on-line FG is recommended for the development of similar research.

Keywords: Qualitative research. National health programs. Data collection.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 – Duração total e de cada momento dos Grupos Focais <i>on-line</i> realizados na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal, 2021.....	44
Quadro 1 – Processo de análise de Grupo Focal.....	29
Quadro 2 – Informações básicas sobre os Grupos Focais <i>on-line</i> realizados na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal, 2021.....	38
Quadro 3 – Resumo das principais recomendações para o planejamento e execução de Grupo Focal e do que foi realizado na pesquisa do Grupo Focal <i>on-line</i> na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal, 2021.....	45
Quadro 4 – Interações proporcionadas pelo grupo focal <i>on-line</i> na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal em 2021, conforme perguntas norteadoras propostas por Stevens (1996).....	51
Quadro 5 – Aspectos positivos e negativos do uso da técnica de Grupo Focal <i>on-line</i> na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola, 2021.....	71
Quadro 6 – Recomendações para uso da técnica de Grupo Focal <i>on-line</i>	82
Figura 1 – Organização da estrutura lógica dos componentes do Modelo Lógico.....	18
Figura 2 – Elementos do processo de comunicação segundo Stefanelli (1993).....	24
Figura 3 – Etapas de planejamento de Grupo Focal.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIB	Comissão Intergestores Bipartite
GF	Grupo Focal
GTI	Grupo de Trabalho Intersetorial
GTI-E	Grupo de Trabalho Intersetorial Estadual
GTI-M	Grupo de Trabalho Intersetorial Municipal
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
ML	Modelo Lógico
PSE	Programa Saúde na Escola
SIMEC	Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle
SISAB	Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica
SISVAN	Sistema de Vigilância Alimentar e Nutricional

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 Programa Saúde na Escola: breve histórico de implantação	15
2.2 Modelo lógico: metodologia de construção	17
2.3 Pesquisa qualitativa	19
2.4 Processo de comunicação	22
2.5 Grupo focal	25
2.6 Grupo focal <i>on-line</i>	30
3 OBJETIVOS	33
3.1 Objetivo Geral	33
3.2 Objetivos Específicos	33
4 METODOLOGIA	34
4.1 Tipo de estudo	34
4.2 Contextualização da pesquisa: planejamento dos Grupos Focais <i>on-line</i>	34
4.3 Participantes e coleta de dados	35
4.4 Análise de dados	36
4.5 Aspectos éticos	36
5 RESULTADOS	38
5.1 Grupo Focal <i>on-line</i>: descrevendo o processo	39
5.1.1 Roteiro de discussão.....	39
5.1.2 Seleção e convite dos participantes.....	40
5.1.3 Equipe de condução.....	41
5.1.4 Espaço físico e equipamentos utilizados.....	41
5.1.5 Momentos de execução.....	42
5.1.6 Resumo e avaliação do processo.....	44
5.2 Contribuição do Grupo Focal <i>on-line</i> na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola a partir da interação	46
5.2.1 O uso das tecnologias digitais no desenvolvimento dos Grupos Focais <i>on-line</i>	47
5.2.2 O uso do chat no desenvolvimento dos Grupos Focais <i>on-line</i>	48
5.2.3 O uso da câmera no desenvolvimento dos Grupos Focais <i>on-line</i>	49
5.2.4 Conhecimento sobre o tema no desenvolvimento dos Grupos Focais <i>on-line</i>	49
5.2.5 Habilidades da equipe de condução no desenvolvimento dos Grupos Focais <i>on-line</i>	49
5.2.6 Descrição dos encontros de Grupo Focal <i>on-line</i> e suas interações.....	50
5.2.7 Grupo Focal - Estado A.....	54
5.2.8 Grupo Focal - Estado B.....	57
5.2.9 Grupo Focal – Estado C.....	61
5.2.10 Grupo Focal - Estado D.....	62
5.2.11 Grupo Focal - Estado E.....	64
5.2.12 Grupo Focal – Estado F.....	66
5.2.13 Grupo Focal – Estado G.....	67
5.2.14 Finalização dos encontros dos Grupos Focais <i>on-line</i>	70
5.3 Aspectos positivos e negativos do uso da técnica de Grupo Focal <i>on-line</i> na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola	71
6 DISCUSSÃO	74
6.1 Recomendações para uso da técnica de Grupo Focal <i>on-line</i> na elaboração de Modelo Lógico de programas intersetoriais	80
7 CONCLUSÃO	83

REFERÊNCIAS.....	84
ANEXO 1 – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL <i>ON-LINE</i> PARA ELABORAÇÃO DO MODELO LÓGICO DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA.....	89
ANEXO 2 – MODELO LÓGICO UTILIZADO COMO GUIA NA CONDUÇÃO DO GRUPO FOCAL <i>ON-LINE</i> COM OS ESTADOS E MUNICÍPIOS.....	92
ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	93

1 INTRODUÇÃO

O método qualitativo de pesquisa considera aspectos subjetivos da realidade social e “é tratado por meio da história, do universo, dos significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes dos atores sociais” (TAQUETTE e MINAYO, 2016, p.418). Para Gomes (2014), o uso da abordagem qualitativa consiste em:

(1) investigar as representações, as crenças, os valores, as explicações e as opiniões que se expressam nas interações sociais; (2) privilegiar a linguagem e a prática como mediações simbólicas; (3) orientar o estudo a partir do ponto de vista dos atores sociais, levando a sério as suas informações; (4) buscar uma compreensão do nicho onde a pesquisa é realizada e (5) ter uma execução flexível e interativa (GOMES, 2014, p.8).

Considerando esses aspectos, o grupo focal (GF) é uma técnica de coleta de dados muito utilizada em pesquisas qualitativas, onde o objetivo central é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado tema de forma interativa, incentivando o pensamento crítico a partir de discussões ativas (FONSECA, 2017).

A realização do GF exige vários procedimentos para que o grupo se sinta informado e motivado para a participação do processo, como seleção e convite dos participantes em potencial, roteiro para discussão, organização de espaço físico, equipe de condução hábil na técnica e conhecedora da temática abordada, etapas de execução bem estabelecidas e análise dos dados que seja capaz de cumprir com o objetivo do grupo (KRUEGER, 2002).

O avanço da internet e das tecnologias digitais tem viabilizado e aumentado o uso de meios online na realização de pesquisas qualitativas. Os GFs que geralmente ocorrem presencialmente, passaram a ser executados também de forma virtual com igual rigor metodológico (SALVADOR et al., 2020). Esse formato passou a ser uma realidade devido à logística de longas distâncias para reunir os sujeitos envolvidos na pesquisa, a diminuição de recursos econômicos nas viagens, a otimização de tempo para que os grupos possam se reunir com maior brevidade e, com adventos como casos de pandemia se transformou em uma das únicas formas de continuidade das pesquisas, trazendo benefícios e desafios aos pesquisadores (SALVADOR et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020).

Nesse sentido, o formato online de coleta de dados precisou ser utilizado em uma das etapas de construção do Modelo Lógico (ML) do Programa Saúde na Escola (PSE). O PSE, instituído por meio do Decreto nº 6.286 de 05 de dezembro de 2007, é um programa intersetorial no âmbito da saúde e educação que tem como objetivo “contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde” (BRASIL, 2007).

Para fazer um planejamento e estruturar o PSE no âmbito do Ministério da Saúde, no ano de 2019, iniciou-se a elaboração do ML do programa. O ML é utilizado pelas instituições para explicitar a teoria de um programa e seus componentes estruturantes a partir de uma representação gráfica, configurando-se como um instrumento primordial para a gestão, o monitoramento, o delineamento de avaliações, bem como para orientar os implementadores em nível local (CASSIOLATO; GUERESI, 2010; BRASIL, 2016).

A elaboração do ML seguiu procedimentos metodológicos conforme Cassiolato e Guerese (2010), perpassando por quatro etapas: Leitura de toda documentação relacionada ao programa; Elaboração do ML e apresentação aos gestores do programa no âmbito nacional; Apresentação da primeira versão do ML aos representantes do PSE nos estados e municípios; Revisão do ML construído pelos estados e municípios e validação do ML com a gestão federal.

A primeira versão do ML do PSE foi construída a partir dos documentos oficiais (SCAFF, 2019) e apresentado presencialmente, em formato de GF, aos gestores federais do programa nos Ministérios da Saúde e da Educação para contribuições, por ser um programa intersetorial. O objetivo foi escutar e reconstruir a primeira versão com a colaboração deste público (SANTOS et al., 2020).

A etapa seguinte contou com às contribuições de representantes de estados e municípios da saúde e da educação para o ML apresentado a partir da construção com os gestores federais. Esse encontro foi realizado em 2020 por meio de GF, porém de forma *on-line* devido à pandemia da COVID-19, cuja principal orientação das autoridades de saúde foi o distanciamento e isolamento social (WHO, 2020). Diante desse cenário, a videoconferência foi uma alternativa para continuidade das atividades, sendo essa estratégia já utilizada em outras pesquisas (RODRÍGUEZ et al., 2020; SALVADOR et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020).

Dessa forma, o objetivo dessa pesquisa foi analisar o uso da técnica de GF *on-line* na elaboração do ML do PSE, verificando se foi satisfatória para essa construção e propondo recomendações metodológicas para sua utilização em futuras pesquisas no formato *on-line*. Cabe ressaltar que esta pesquisa emergiu do recorte do Projeto 914BRZ1066/ Edital 01/2018/ UNESCO/MS /Programa Saúde na Escola: Saúde dos Escolares, realizado nos anos 2019 e 2020 que teve como um dos objetivos construir o ML do PSE no território nacional.

Portanto, o GF em formato *on-line* é o objeto de estudo dessa dissertação. A escolha dessa pesquisa é fruto da participação da autora como observadora nos GFs realizados com os estados e municípios, onde apareceu a pergunta chave: o GF *on-line* é uma técnica eficaz para o diálogo do GF e aprofundamento em pesquisas qualitativas?

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O ML do PSE visa auxiliar na implantação e implementação do programa, sendo a abordagem qualitativa com a técnica de coleta de dados GF essencial no processo de elaboração do modelo por permitir a interação dos atores envolvidos com construções coletivas a partir do compartilhamento de suas experiências. O GF *on-line* é uma das alternativas para continuidade de pesquisas em casos como da pandemia da COVID-19, fazendo-se relevante estudos que avaliem essa metodologia para construção de ML de programas intersetoriais a fim de verificar sua exequibilidade e fidelidade dos dados gerados. Essas temáticas serão trabalhadas mais profundamente nos tópicos seguintes.

2.1 Programa Saúde na Escola: breve histórico de implantação

O PSE é desenvolvido de forma intersetorial entre os Ministérios da Saúde e Educação, constituído como estratégia de articulação entre as políticas que envolvem as duas áreas e tendo por finalidade desenvolver ações de promoção, prevenção, assistência e atenção à saúde com educandos da educação básica de ensino visando contribuir com a formação integral destes (BRASIL, 2007).

O programa foi instituído em 2007 pelo Decreto nº 6.286, de 5 de dezembro de 2007, que trouxe como objetivos:

I - promover a saúde e a cultura da paz, reforçando a prevenção de agravos à saúde, bem como fortalecer a relação entre as redes públicas de saúde e de educação; II - articular as ações do Sistema Único de Saúde - SUS às ações das redes de educação básica pública, de forma a ampliar o alcance e o impacto de suas ações relativas aos estudantes e suas famílias, otimizando a utilização dos espaços, equipamentos e recursos disponíveis; III - contribuir para a constituição de condições para a formação integral de educandos; IV - contribuir para a construção de sistema de atenção social, com foco na promoção da cidadania e nos direitos humanos; V - fortalecer o enfrentamento das vulnerabilidades, no campo da saúde, que possam comprometer o pleno desenvolvimento escolar; VI - promover a comunicação entre escolas e unidades de saúde, assegurando a troca de informações sobre as condições de saúde dos estudantes; e VII - fortalecer a participação comunitária nas políticas de educação básica e saúde, nos três níveis de governo (BRASIL, 2007, Art. 2º).

Scaff (2019) traz em seu estudo a relação entre o objetivo do PSE e seu resultado esperado. O PSE, como dito anteriormente, visa contribuir para formação integral dos estudantes da rede pública de ensino, logo, “entende-se que os resultados finais explicitados no ML auxiliam na diminuição da vulnerabilidade das crianças e jovens, portanto, contribuem para a formação integral dos educandos” (SCAFF, 2019, p. 115).

A gestão do PSE é intersetorial com representantes da saúde e educação e de forma facultativa por parceiros locais representantes de políticas e movimentos sociais por meio dos

Grupos de Trabalho Intersetoriais (GTIs), onde as decisões são realizadas de forma compartilhada para o planejamento e execução das ações (BRASIL, 2015a).

O Decreto supracitado trazia ainda dezessete ações compreendidas no âmbito do PSE, ressaltando que poderiam ser executadas outras além das descritas no documento (BRASIL, 2007). A fim de organizar as ações e orientar os municípios que fossem aderir ao programa, o Ministério da Saúde lançou em 2011 um documento orientador que colocava as atividades mínimas a serem desenvolvidas pelo PSE organizadas em três componentes (BRASIL, 2011).

O Componente I – avaliação clínica e psicossocial, tinha caráter de triagem com ações voltadas ao ponto de vista epidemiológico como por exemplo antropometria, análise da situação vacinal e de acuidade visual. Em contrapartida, o Componente II previa ações de promoção da saúde e prevenção de doenças com cunho educativo. Já o Componente III envolvia atividades voltadas à formação com foco nos profissionais envolvidos com o PSE (BRASIL, 2011).

A Semana Saúde na Escola foi instituída em 2012 como mais uma atividade a ser desenvolvida na escola no âmbito do PSE, trazendo uma temática anual para ser trabalhada durante todo período letivo. A adesão a partir de 2015 passou a ser de livre iniciativa sem repasse de incentivo financeiro, porém as ações sendo contabilizadas para alcance de metas pactuadas no programa (BRASIL, 2015b).

Em 2017 foi publicada a Portaria Interministerial nº 1.055 de 25 de abril de 2017, onde foram realizadas algumas alterações no PSE. No que tange às ações, foram definidas 12, não mais organizadas em componentes, mas devendo o planejamento considerar o contexto local e a capacidade operativas das equipes da saúde e educação (BRASIL, 2017). Dentre essas ações, foram instituídas em documentos orientadores ações prioritárias que deveriam ser desenvolvidas por todas as escolas aderidas (BRASIL, 2018; 2020).

Quanto a adesão do PSE, no princípio era estabelecida de acordo com o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) municipal, cobertura populacional da Estratégia de Saúde da Família e participação das escolas no Programa Mais Educação (BRASIL, 2008). A Portaria Interministerial nº 1.413, de 10 de julho de 2013, redefiniu as regras e critérios para adesão ao programa, podendo qualquer município aderir, além de expandir as ações para creches e pré-escolas (BRASIL, 2013a).

As mudanças nos critérios de adesão permaneceram, sendo em 2017 estabelecido que o ciclo do PSE passaria de 12 para 24 meses de duração, permitindo que fossem feitos ajustes como exclusão de ações e substituição de escolas pactuadas após o primeiro ano. Outra alteração foi a possibilidade de que as ações fossem realizadas por todas as equipes de Atenção

Primária à Saúde, não sendo mais necessária a vinculação das equipes às escolas (BRASIL, 2017).

Em 2013 também houve alteração no sistema de informação utilizado para inserção de dados do PSE a fim de melhorar o monitoramento e avaliação do programa. Foi estabelecido, além do então utilizado Sistema Integrado de Monitoramento Execução e Controle (SIMEC), o Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica (SISAB) (BRASIL, 2013b). Em 2017 o SISAB passou a ser o único sistema para inclusão de dados através da Ficha de Atividade Coletiva, com obrigatoriedade de colocar o número do INEP da escola onde a ação foi realizada para identificação de que tal atividade foi realizada no âmbito do PSE (BRASIL, 2013b; 2017; 2018).

Apesar da implementação do PSE desde 2008 e aumento da cobertura no território nacional, a falta de estudos de avaliação e monitoramento sistemático e periódico do programa prejudica o compartilhamento de informações, a efetividade e sustentabilidade das ações do PSE (SCAFF, 2019). Scaff (2019) avaliou os documentos referentes ao PSE para elaboração do seu ML, identificando produtos complexos que demonstram um programa de implementação desafiadora, evidenciando a necessidade de construção de um ML para “auxiliar no planejamento, implantação e avaliação do cumprimento das ações previstas”.

2.2 Modelo lógico: metodologia de construção

O ML é um recurso metodológico que visa explicitar a teoria de um programa, representando um desenho do seu funcionamento ideal orientado por resultados esperados (CASSIOLATO; GUERESI, 2010). Dessa forma, com o ML estruturado é possível definir indicadores estratégicos para monitoramento e avaliação, além de orientar os implementadores do programa a nível local (CASSIOLATO; GUERESI, 2010; SCAFF, 2019).

O formato de diagrama como o ML é desenvolvido facilita a visualização e compreensão dos componentes do programa. Os elementos constituintes do ML são: recursos (humanos, tecnológicos e financeiros); ações ou atividades; produtos; resultados intermediários ou de curto prazo; e resultados finais ou de longo prazo. Há ainda as influências das variáveis de contexto nos componentes (CASSIOLATO; GUERESI, 2010; ABBAD et al., 2012).

O ML tem sido utilizado internacionalmente para desenho, avaliação e monitoramento de programas (ABBAD et al., 2012). Em âmbito nacional também vem sendo aplicado, uma vez que em 2007 o Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão levantou a demanda e o IPEA assumiu o desenvolvimento de uma metodologia de construção de modelo lógico de programa, que tem sido utilizado para diversos programas de saúde, como o PSE tratado pelo

presente estudo (CASSIOLATO; GUERESI, 2010; CAVALCANTI et al, 2013; SCAFF, 2019; CRUZ et al., 2020). A Nota Técnica do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2010) em que orienta como elaborar o ML traz como o diagrama deve ser organizado, demonstrado na figura abaixo (Figura 1).

Figura 1 – Organização da estrutura lógica dos componentes do Modelo Lógico.



Fonte: CASSIOLATO; GUERESI, 2010.

A versão do ML do IPEA considera aspectos do método ZOPP (Planejamento de Projetos Orientado por Objetivos) que utiliza a árvore de problemas para análise e do Planejamento Estratégico Situacional proposto por Carlos Matus, além de propostas de ML dos autores Mclaughlin e Jordan (CASSIOLATO; GUERESI, 2010). A metodologia propõe três componentes para a construção do ML: 1) Explicação do problema e das referências básicas do programa como objetivos, público-alvo e beneficiários; 2) Estruturação do programa para alcance dos resultados; 3) Identificação dos fatores de contexto (CASSIOLATO; GUERESI, 2010).

O processo de construção deve garantir uma “definição clara e plausível dos objetivos e resultados esperados do programa; identificação de indicadores relevantes de desempenho, que possam ser obtidos a um custo razoável; e comprometimento dos gestores do programa com o que está proposto no modelo lógico” (CASSIOLATO; GUERESI, 2010, p. 5). Dessa forma, favorece uma melhor comunicação entre os envolvidos com o programa a partir de um entendimento comum deste (ABBAD et al., 2012).

O IPEA orienta a elaboração de ML tanto para programas novos quanto para já existentes (IPEA, 2010), sendo, de acordo com os estudos, mais utilizado para programas que já existem (CAVALCANTI et al, 2013; ROMEIRO et al., 2013; FONTENELE et al., 2017; SCAFF, 2019; CRUZ et al., 2020). Nessa perspectiva, será aqui descrito os procedimentos para construção de ML de programas consolidados, utilizado para a formação do ML do PSE no âmbito federal.

A primeira etapa consiste em coleta e análise de informações por meio de coleta de documentação existente sobre o programa, entrevistas com integrantes da equipe gerencial para complementar as ideias retiradas dos documentos, e a sistematização de todas as informações coletadas (CASSIOLATO; GUERESI, 2010).

O segundo passo é a pré-montagem do ML, quando deve ser realizada a explicação do problema e referências básicas do programa, a estruturação do programa contendo os recursos, ações e produtos para chegar nos resultados intermediários e finais, e a definição dos fatores de contexto que podem influenciar nos componentes (CASSIOLATO; GUERESI, 2010).

A última etapa para construção do ML refere-se a sua validação, devendo ser realizada com a equipe gerencial do programa para checagem dos componentes construídos e análise de vulnerabilidade (CASSIOLATO; GUERESI, 2010).

O ML do PSE teve como uma das etapas a elaboração de um modelo prévio a partir de documentos referentes ao programa (SCAFF, 2019), após houve a realização de GF presencial com a equipe do Ministério da Saúde e da Educação responsável pelo PSE para contribuição no pré-modelo (SANTOS et al., 2020). Utilizando o produto dessa etapa, posteriormente foi realizado GF *on-line* junto aos implementadores do PSE a nível estadual e municipal, onde o resultado será levado novamente para a gestão do programa no âmbito federal para que seja validado estando planejado até o momento para acontecer presencialmente.

Medina e colaboradores (2005) descrevem em sua pesquisa a fundamental importância da participação dos grupos envolvidos com o programa na elaboração do ML, tanto formuladores como implementadores. Os autores destacam que muitas vezes o programa possui objetivos, atividades e recursos definidos, porém na realidade dos serviços esses elementos podem se tornar contraditórios, sendo também destacada a dificuldade que a própria equipe que concebeu o programa tem de entrar em consenso sobre esses componentes (MEDINA et al., 2005).

Diante disso, destaca-se a importância da abordagem qualitativa para construção da teoria do programa e construção de ML, buscando a participação e interação dos atores envolvidos e formação de consensos (CASSIOLATO, 2010; SCAFF, 2019).

2.3 Pesquisa qualitativa

O método qualitativo de pesquisa surge a partir de críticas à abordagem positivista com seu forte caráter normativo, onde considera a existência de uma realidade que pode ser descoberta a partir de um processo científico objetivo. Com isso, sabendo que os fenômenos sociais não poderiam ser estudados dessa forma devido o indivíduo perceber o mundo de acordo

com o significado ou construção social do contexto em que vive, surge a necessidade de uma perspectiva interpretativa para compreensão deles (EAKIN, 2018).

Estudos citam como principal precursor da pesquisa qualitativa Malinowski com suas narrativas sobre suas experiências em contato com povos nativos da Nova Guiné e Ilhas Trobriand e os modos de vida dessas pessoas, onde a “comunicação tornou-se um termo chave para a análise das sociedades e das culturas” (SANTAELLA, 2001, p.71; GUERRA, 2014; LIMA, 2018). Outro marco no mesmo período, início do século XX, foi quando a Escola de Chicago desenvolve uma metodologia interpretativa das narrativas da realidade social (GUERRA, 2014; LIMA, 2018).

O objeto da pesquisa qualitativa são os fenômenos humanos que não podem ser quantificados, como as crenças, valores, atitudes e aspirações. Dessa forma, a abordagem qualitativa estuda de forma aprofundada o universo dos significados, considerando a singularidade e subjetividade de uma realidade social dinâmica, por meio da compreensão interpretativa (WEBER, 1974; TURATO, 2005; MINAYO, 2009; 2012). Lima (2018) traz um compilado das principais características do paradigma qualitativo:

1) o fundamento humanista; 2) percepção da vida social como a criatividade compartilhada pelos indivíduos; 3) permite a interação social; 4) encara o mundo social como sempre dinâmico; 5) o mundo não é uma força exterior independente do homem; 6) os indivíduos são sujeitos ativos na construção de sua própria realidade e, portanto, da realidade social; 7) o mundo social é entendido num desenvolvimento contínuo de conceitos e teorias e 8) interessa-se pelos significados sociais e esses só podem ser examinados no contexto da interação entre os indivíduos (LIMA, 2018, p.6).

Dentre as técnicas de pesquisa qualitativa destacam-se a observação participante e a entrevista qualitativa. A primeira não é neutra e possui como característica a presença de um observador no campo de pesquisa para coletar dados da realidade ali apresentada fazendo parte do contexto de observação, a fim de entender uma organização ou problema e para estudar ou levantar hipóteses (GOMES, 2014).

A entrevista qualitativa objetiva levantar informações pertinentes para a pesquisa, podendo ser individuais ou em grupo como a técnica de GF (IPEA, 2010; GOMES, 2014). A entrevista na perspectiva qualitativa pode ser classificada como:

(a) sondagem de opinião (questionário estruturado); (b) semiestruturada (combinação de perguntas fechadas e abertas); (c) aberta ou em profundidade (em que o entrevistado é convidado a falar livremente acerca de um tema e as perguntas do entrevistador só ocorrem para estimular a profundidade); (d) focalizada (destinada a esclarecer um determinado problema); (e) projetiva (realizada com dispositivos visuais) (GOMES, 2014, p. 31).

Como estratégia de pesquisa, a internet tem se tornado um instrumento importante na realização de pesquisas, sendo os métodos qualitativos adaptados para uso em ambientes virtuais em muitas ocasiões, como as entrevistas e os GFs *on-line*, sendo destacadas como principais vantagens o baixo custo e tempo e o alcance de pessoas geograficamente distantes (FLICK, 2013).

A análise qualitativa deve ocorrer durante todo processo de pesquisa e recomenda-se que o pesquisador ultrapasse a descrição dos relatos após compreendê-los, os decompondo e buscando relação entre eles, pois quando há apenas descrição é estabelecida uma abordagem positivista (MINAYO, 2012; EAKIN, 2018). A partir disso realiza-se a interpretação, onde “buscam-se sentidos das falas e das ações para se chegar a uma compreensão ou explicação que vão além do descrito e analisado” (GOMES, 2009, p.80). Minayo (2012) coloca que a interpretação sucede a compreensão, sendo que compreender é o se colocar no lugar do outro e interpretar é apropriar-se do que foi compreendido.

A análise de conteúdo, do discurso e a hermenêutica-dialética são propostas para análise dos dados qualitativos. Na concepção dialética para análise dos dados qualitativos, o resultado das categorias precisa ser contextualizado às particularidades do objeto de estudo, pois caso contrário, acabam por corresponderem leis universais. Kuenzer (1998, p.66) coloca que “se essas categorias são universais e concretas, não substituem a investigação e o contato com o conteúdo na contemporaneidade de um objeto tomado na especificidade de sua relação com outros objetos e com a totalidade.”

A análise do discurso é uma das metodologias utilizadas na pesquisa qualitativa e visa compreender o sentido dos textos, para além do conteúdo em si, isto é, “conhecer as construções ideológicas do texto, ou seja, quais ideologias estão por trás das falas dos interlocutores” (TAQUETTE, 2016, p.529). Por outro lado, a hermenêutica-dialética permite ao pesquisador aproximar-se da realidade de seu estudo de forma mais completa, compreendendo o sentido da comunicação por meio da intersubjetividade de forma crítica, considerando aspectos extra discursivos, isto é, a fala dos atores são situadas em seu contexto para serem compreendidas (GOMES, 2014; TAQUETTE, 2016). Com isso, Minayo (2004, p.218) traz que a hermenêutica-dialética vai além de análises automatizadas que dificultam a “apreensão das relações dialéticas constitutivas da realização social”.

Em suma, os métodos qualitativos, desde a escolha do desenho da pesquisa, até a técnica de coleta e análise de dados, permitem um entendimento mais aprofundado sobre o funcionamento das políticas públicas, pois explora comportamentos, crenças, opiniões e

narrativas da vivência dos indivíduos envolvidos. Dessa forma, contribui para a avaliação e aperfeiçoamento dos projetos e programas. As lições apreendidas a partir de posturas reflexivas sobre as experiências fazem com que erros sejam corrigidos e conceitos e percepções sejam transformados, refletindo na ação e resultado das políticas públicas (IPEA, 2010).

Nesta direção, o GF é uma técnica de pesquisa qualitativa importante, porque permite que as percepções sejam elencadas e discutidas de forma coletiva, considerando a experiência individual e gerando possíveis consensos a partir da reflexão gerada pelos debates durante a interação. Portanto, para a compreensão do diálogo proporcionado pela técnica na perspectiva qualitativa faz-se importante o entendimento acerca do processo de comunicação, abarcando seus elementos e possíveis fatores que o influenciam.

2.4 Processo de comunicação

A comunicação possui diversas definições, como Santaella (2001) aborda em seu estudo, sendo em sua maioria baseadas em critérios de interação mútua, considerando como um processo de troca de informação, seja ela de forma verbal ou não-verbal, visto que até mesmo o silêncio tem caráter de mensagem, onde o meio determina a característica do que é comunicado. Berger e Luckmann (1985) colocam que "não posso existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros".

Diversos autores ao tratar sobre comunicação destacam a importância de a considerar um processo, devido ao seu caráter dinâmico de um fenômeno contínuo (STEFANELLI, 1993; SANTAELLA, 2001; SOUSA, 2006; PERLES, 2007). Com isso, evidenciam o levantamento das transformações que a comunicação humana passou até chegar ao que representa atualmente, a fim de entender posteriormente seus elementos e fatores que podem influenciá-la.

O homem começou a associar som e/ou gesto a algum objeto e ação, dando origem aos signos, que quando atribuídos a significados foram a base da comunicação e da linguagem, colocando então a linguagem como objetivação de suas experiências (BORDENAVE, 1982; BERGER; LUCKMANN, 1985). A fim de gravar esses signos, inicialmente foram usados desenhos e, por volta do século IV a.C, houve a invenção da escrita, que pôde ser democratizada e chegar a todos com a invenção do papel e posteriormente do sistema de prensa tipográfica com a produção em larga escala de livros e jornais. No decorrer da história surgem ainda os meios de comunicação como o rádio, que quebrou a barreira do analfabetismo, o telefone, o cinema, a televisão e finalmente, a internet (BODERNAVE, 1982; PERLES, 2007).

A comunicação humana pode ocorrer de diversas formas: interpessoal, institucional ou organizacional, de massa ou social. A comunicação interpessoal ocorre quando pessoas trocam

informações entre si geralmente de forma mais informal, seja em um grupo pequeno ou entre dois indivíduos utilizando a linguagem oral, gestual ou escrita. Esta pode ser ainda direta (não-mediada), quando as pessoas estão face a face, e indireta (mediada) quando utilizam de algum meio como telefone, carta ou internet, por exemplo (SOUSA, 2006; BRASIL, 2009).

Berger e Luckmann (1985, p.47) consideram que na situação face a face o outro está mais acessível, asseverando que “nenhuma outra forma de relacionamento social pode reproduzir a plenitude de sintomas da subjetividade presentes na situação face a face. Somente aqui a subjetividade do outro é expressivamente ‘próxima’”. Entretanto, a comunicação mediada permite que pessoas distantes entre si consigam se comunicar, havendo também possibilidade de feedback e interação, principalmente devido a possibilidade de chamadas de vídeo que a tecnologia proporciona atualmente, onde o componente não-verbal, citado por autores como exclusiva da comunicação direta, pode ser contemplado (BERGER; LUCKMANN, 1985; SOUSA, 2006).

A comunicação organizacional ou institucional continua sendo entre pessoas, no entanto ocorre dentro de uma organização que possui um propósito estabelecido e utiliza-se de uma linguagem mais formal. A comunicação de massa ou social visa alcançar um grande número de indivíduos fisicamente distantes, utilizando para isso de meios como rádio e televisão, limitando a interação do receptor com a mensagem e conseqüentemente a existência de resposta imediata, porém sabe-se que a internet pode proporcionar maior interatividade (SOUSA, 2006; BRASIL, 2009).

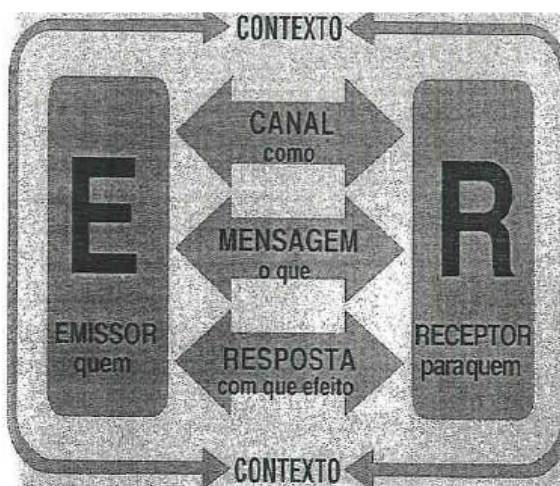
Os ruídos consistem em perturbações que afetam as trocas comunicacionais e podem estar presentes em todos os modelos de comunicação supracitados. Santaella (2001) os divide em três tipos: físico, psicológico e semântico. O físico é todo obstáculo que interfere fisicamente no diálogo, enquanto o psicológico relaciona-se com ideias preconcebidas e o semântico à significados mal-entendidos como, por exemplo, quando há envolvimento de questões culturais (SANTAELLA, 2001).

São elementos do processo de comunicação: fonte ou emissor, receptor ou destinatário, canal, código e mensagem ou informação. A fonte produz a mensagem codificada em sinais a ser emitida para o receptor através de um canal. Dessa forma, o receptor decodifica a mensagem e a reconstrói, assumindo uma atitude responsiva, concordando, discordando, complementando, criticando, recusando ou revalorizando, por essa constante mudança, considera-se a contradição como inerente a todo fenômeno (SANTAELLA, 2001; BRASIL, 2009; GOLÇALVES; FREITAS; FERREIRA, 2021). Ademais, deve-se considerar ainda que a mensagem sempre está inserida em um contexto, conforme colocado por Santaella (2001):

Toda mensagem, em quaisquer tipo de signos, verbais, visuais ou mesmo sonoros, está sempre preche de índices contextuais, situacionais, históricos, culturais, ideológicos, políticos que apontam, de modo mais ou menos explícito, para o contexto representado na mensagem (SANTAELLA, 2001, p. 91).

Stefanelli (1993) traz uma imagem que representa bem o processo de comunicação e seus elementos fundamentais:

Figura 2 – Elementos do processo de comunicação segundo Stefanelli (1993).



Fonte: STEFANELLI, 1993.

Sousa (2006) cita alguns fatores envolvendo a recepção da mensagem que podem influenciar na comunicação para além dos ruídos já citados anteriormente, sendo eles a percepção (depende da expectativa e envolvimento), interpretação e significação. A percepção está relacionada com a experiência anterior da pessoa, podendo ou não fazer com que o receptor interprete a informação de forma diferente do que o emissor pretendia passar, levando a conflitos e discordâncias entre eles (SOUSA, 2006).

A comunicação se faz mais efetiva quando vai de encontro à expectativa de quem vai receber a mensagem, visto que “quem já está convencido dificilmente muda de opinião. Pelo contrário, tende a rejeitar ou adulterar as mensagens que vão contra as suas expectativas e a aceitar as mensagens de acordo com as suas expectativas” (SOUSA, 2006, p.30). Da mesma forma, quando o emissor consegue obter envolvimento do receptor o processo de comunicação é mais eficaz, o que requer sobretudo a motivação e os objetivos do destinatário (SOUSA, 2006).

Perante o exposto, é nítida a relevância de que o pesquisador entenda o processo de comunicação na pesquisa qualitativa, sobretudo envolvendo o uso da técnica de GF, onde a

comunicação na interação entre as pessoas é o principal objetivo para sua escolha como coleta de dados.

2.5 Grupo focal

O GF, como citado anteriormente, é uma ferramenta de coleta de dados amplamente utilizada em pesquisas qualitativas, onde o pesquisador não apenas faz perguntas, ele necessita que haja uma interação entre os participantes do grupo a fim de obter respostas espontâneas acerca de uma temática proposta. Dessa forma, o destaque está na interação do grupo, que é capaz de gerar várias ideias a partir do compartilhamento de experiências geradoras de discussão (RESSEL et al, 2008; SOUZA, 2020).

Essa interação entre os participantes permite que possam reconhecer nos outros partes de si mesmos previamente ocultas e, assim, tenham tempo e oportunidade para refletir sobre suas próprias experiências, identificações e opiniões a partir do confronto de opiniões entre os demais membros do grupo (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017, p. 811).

Em outras palavras, “o principal interesse é que seja recriado, desse modo, um contexto ou ambiente social onde o indivíduo pode interagir com os demais, defendendo, revendo, ratificando suas próprias opiniões ou influenciando as opiniões dos demais” (GUI, 2003, p.140).

A técnica é usada desde 1926, quando foi descrita em trabalho desenvolvido nas Ciências Sociais como entrevistas grupais, sendo utilizada também durante à Segunda Guerra Mundial em meados de 1940 para verificar a persuasão das propagandas de guerra. É atualmente mais comumente utilizada em pesquisas de marketing, porém vem crescendo consideravelmente em pesquisas em saúde como em estudos de diagnósticos de problemas educativos em saúde e avaliativos de programas (RESSEL et al., 2008). Quanto a utilização do método para construção de ML, já tem sido relatado por diversos estudos, destacando a importância da interação na elaboração do modelo proporcionada pelos GFs (ABBAD et al., 2012; CRUZ et al., 2020).

Algumas limitações são destacadas e precisam ser consideradas na utilização dessa metodologia. Primeiro, sabe-se que os grupos influenciam em respostas individuais, com isso os pesquisadores possuem menos controle sobre os dados quando comparado às entrevistas individuais (FONSECA, 2017). Essa influência pode acontecer por diferenciais de poder, relacionamentos anteriores e até mesmo conforme a estrutura da própria personalidade. Há ainda a possibilidade de desencadeamento emocional provocado pela fala de outro participante (SAKAMOTO, 2018).

Algumas pessoas se sentem desconfortáveis para falar em grupo, o que pode levar a não interação no tratamento de alguns assuntos. Além disso, é preciso que haja um facilitador experiente, competente em discussões em grupo e que tenha conhecimento sobre a temática trabalhada. Por último, o pesquisador não pode garantir que a confidencialidade seja mantida por todos os integrantes do grupo, mesmo sendo explicada a importância e um termo seja assinado, porém ressalta-se a importância da pactuação do sigilo favorecendo a espontaneidade da interação (KRUEGER, 2002; GUI, 2003; SAKAMOTO, 2018).

As etapas de planejamento (Figura 3) devem levar em conta as limitações citadas. A primeira recomendação para montagem de um GF é que esta seja feita a partir das principais perguntas da pesquisa. Outro ponto importante é o desenvolvimento de um guia ou roteiro para o GF, contendo perguntas e questões de acompanhamento sobre cada tópico a ser trabalhado. O guia pode ser testado em um grupo piloto, para que ele seja alterado caso necessário (SAKAMOTO, 2018).

Os recursos e estrutura de onde e como acontecerá o GF devem ser considerados, como a localização física (tamanho da sala, conforto das cadeiras, iluminação, ambiente reservado e sem ruídos), acessibilidade ao local (local próximo ao público-alvo, transporte) e à água e banheiro (SOUZA, 2020). Destaca-se que objetos como cartazes e pôsteres presentes no local onde o GF está ocorrendo podem levar a intimidação ou interação e acolhimento dos participantes, devendo também ser considerado durante o planejamento (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017).

A seleção e composição do grupo precisa ser pensada, sendo recomendado que se recrute tipos similares de pessoas, porém com identidades e experiências distintas e diversas para que os debates sejam possíveis (KRUEGER, 2002; SAKAMOTO, 2018). Para Souza (2020), “essa diversidade é propulsora de *insights* valiosos para o debate e a geração de dados”. O convite para participar do grupo deve ocorrer, preferencialmente, via telefone ou pessoalmente, evitando algo personalizado por escrito e, no dia que antecede o GF, contatar novamente a pessoa para lembrete, a fim de evitar número insuficiente de participantes (KRUEGER, 2002; SOUZA, 2020).

A literatura traz GFs com quantidades de participantes diversas, variando de 3 a 12 integrantes, destacando que mais que isso pode dificultar a participação de todos e ser mais fácil o desvio de foco. Entretanto, a desistência é frequente nesse tipo de atividade, sendo recomendado para evitar esse tipo de imprevisto convidar 20% a mais de pessoas (IERVOLINO; PELICIONI, 2001; SOUZA, 2020).

A quantidade de GFs para obter a compreensão do problema de pesquisa é estimada de 3 a 5, podendo ser necessária a convocação de um mesmo grupo para um segundo encontro, caso os dados obtidos não tenham tido suficientes para uma boa análise (FONSECA, 2017; SOUZA, 2020). Nesse caso, ressalta-se que pode ocorrer desistência e maior investimento para organização de toda estrutura citada anteriormente para que ele aconteça (SOUZA, 2020).

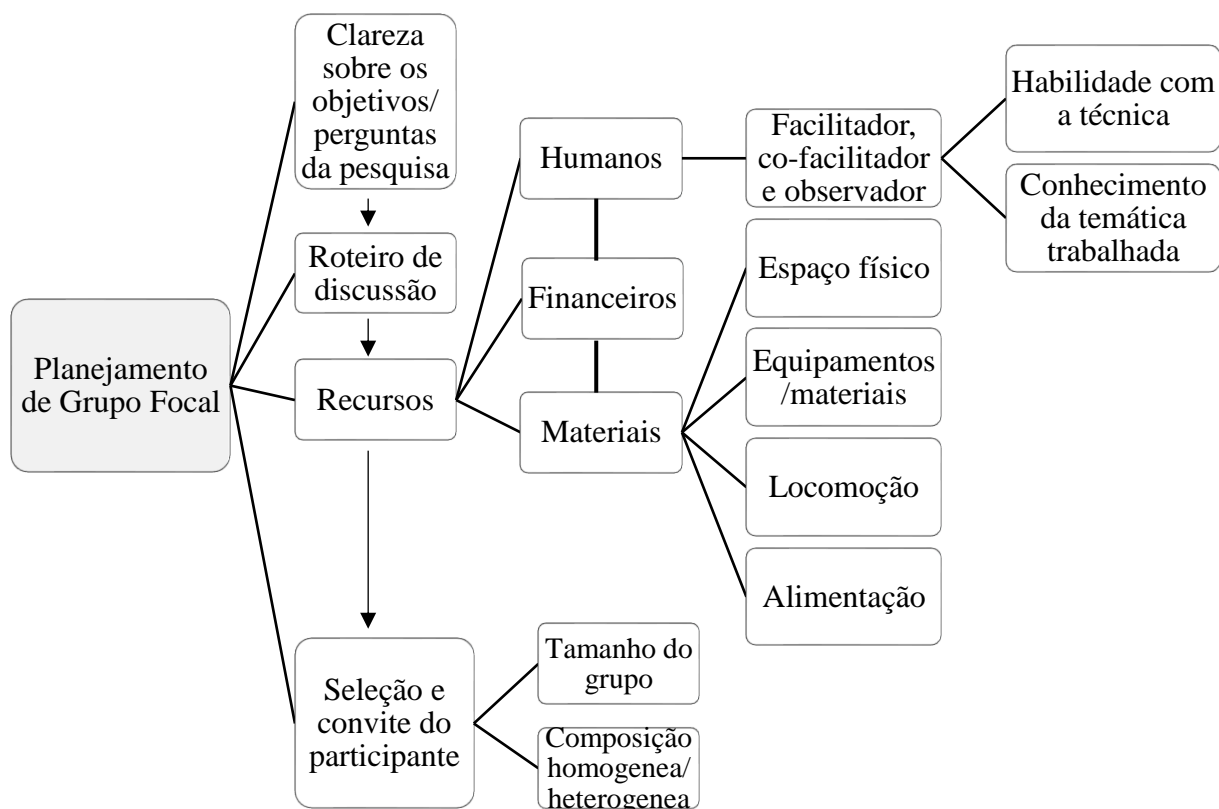
Quanto ao desenvolvimento do grupo, é sugerido que tenha duração de uma a duas horas e que ocorra em círculo para que a fala de todos sejam bem escutadas e as expressões não verbais visualizadas (TRAD, 2009; SOUZA, 2020). O GF pode ser iniciado com a apresentação dos participantes, breve introdução do assunto e regras básicas, partindo para as discussões e finalizando com uma síntese do que foi dito, avaliação do encontro e agradecimento (KRUEGER, 2002; SAKAMOTO, 2018). As discussões devem ser gravadas, assim como anotadas as reações não verbais (KRUEGER, 2002; SOUZA, 2020).

O papel do facilitador é de extrema importância, pois é ele quem deve manter a discussão focada na temática trabalhada, contribuir para que as pessoas se sintam confortáveis ao falar e esclarecer quando algum tópico parecer confuso. É preciso deixar claro que qualquer coisa que a pessoa queira dizer no grupo é importante, assim como todos os pontos de vista, e que não existem respostas certas ou erradas, tudo é relevante para a pesquisa. Dessa forma, cabe destacar que é relevante que o mediador tenha conhecimento sobre comunicação e interação humana, o que é pesquisa qualitativa, domine o tema que está abordando no grupo e faça um criterioso planejamento para as etapas de condução (SOUZA, 2020; SAKAMOTO, 2018).

O mais indicado é que o moderador passe de perguntas gerais para específicas e que evite fazer perguntas sugestivas (SAKAMOTO, 2018). A identificação dos participantes mais tímidos, falantes dominantes e especialistas também é importante para condução do grupo, a fim de possibilitar e garantir que todos tenham oportunidade de fala (KRUEGER, 2002).

Além disso, o facilitador deve estar atento aos comportamentos não verbais como acenos de cabeça, excitação física, contato visual entre os participantes e outras reações que indiquem apoio ou interesse. Para isso, ter um co-facilitador e um observador para realizar anotações se faz importante (SAKAMOTO, 2018). Além das anotações, o observador deve estar alerta e livre de distrações e pode ajudar com o monitoramento das gravações, porém ele não participa das discussões (KRUEGER, 2002).

Figura 3 – Etapas de planejamento de Grupo Focal.



Fonte: Elaboração própria.

O material produzido a partir das gravações, notas de campo e transcrições precisa ser cuidadosamente manuseado, considerando que “as informações sobre o contexto auxiliam muito na interpretação dos ‘dados’ e nas análises de determinados tipos de comportamento ou interação” (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017, p. 803). Duggleby (2005) e Costa (2012) discutem a ausência de estudos quanto a análise das interações entre os participantes, destacando a sua importância diante do principal motivo do uso de GF, que é a construção a partir da interação ou troca com os outros integrantes.

Assim, ao invés de simplesmente codificar o que os participantes falam, valorizando apenas o conteúdo, o analista, sob esse novo olhar, também é capaz de avaliar a forma como eles estão falando e como seus pontos de vista são mantidos, reforçados, modificados ou rejeitados na interação (COSTA, 2012, p.158).

Os dois autores citam o estudo de Stevens (1996, p.172), o qual elabora doze sugestões de questões para analisar a interação grupal: 1. Com que afinidade o grupo aderiu às questões apresentadas para discussão? 2. Por que, como e quando foram trazidos os problemas relacionados acima? 3. Que declarações permitiram conflitos? 4. Quais foram as contradições

na discussão? 5. Que experiências comuns foram expressas? 6. Formaram-se alianças entre os membros do grupo? 7. Houve algum participante cujo ponto de vista foi silenciado? 8. Houve uma visão particular dominante? 9. Como o grupo resolveu as divergências? 10. Que temas produziram consenso? 11. Quais interesses estão sendo representados no grupo? 12. Como foram tratadas as emoções?

Estudos trazem ainda que a análise do GF é sistemática e é iniciada durante sua execução (IERVOLINO; PELICIONI, 2001; KRUEGER, 2002). Krueger (2002) sugere como esse processo deve acontecer, dividindo em etapas conforme descrito no Quadro 1.

Quadro 1 – Processo de análise de Grupo Focal.

Durante a execução do grupo focal	<ul style="list-style-type: none"> • Ouvir todos os comentários, assim como os vagos e enigmáticos, e tentar compreender. • Oferecer um resumo das principais questões e buscar confirmação.
Imediatamente após o grupo focal	<ul style="list-style-type: none"> • Desenhar um diagrama da disposição dos assentos. • Verificar a gravação para garantir que foi operada adequadamente. • Anotar temas, palpites, interpretações e ideias. • Comparar com outros grupos focais. • Rotular e arquivar notas de campo, fitas e outros materiais.
Logo após o grupo focal – em poucas horas analise o grupo de foco individual	<ul style="list-style-type: none"> • Fazer uma cópia da gravação e enviar ao transcritor. • O analista ouve a gravação, revisa as notas de campo e lê a transcrição. • Preparar o relatório do grupo focal individual em formato de pergunta por pergunta com citações amplificadas. • Compartilhar o relatório com outros pesquisadores que estavam presentes no grupo focal.
Mais tarde – em alguns dias analise a série de grupos focais	<ul style="list-style-type: none"> • Comparar os resultados por categorias dos grupos focais individuais. • Procurar por temas emergentes por pergunta e depois de forma geral. • Construir tipologias ou diagramar as análises. • Descrever as descobertas e usar citações para ilustrar.
Finalmente – prepare o relatório	<ul style="list-style-type: none"> • Considerar o estilo narrativo <i>versus</i> estilo dos marcadores. • Usar algumas citações para ilustrar. • A sequência pode ser pergunta por pergunta ou por tema. • Compartilhar o relatório com outros pesquisadores envolvidos para verificação. • Revisar e finalizar o relatório.

Fonte: Elaboração própria a partir de KRUEGER, 2002, tradução própria.

O autor coloca ainda o que deve ser considerado durante a análise dos dados, como: palavras e seus significados a fim de determinar o grau de semelhança entre as falas; o contexto

em que a resposta foi dada considerando o tom e a discussão anterior a ela; consistência interna, quando há mudança de opinião e o que poderia explicar essa alteração; frequência ou extensão de discussão de algum tópico, sendo ele mais ou menos discutido; intensidade, que pode ser identificada pelo tom de voz, velocidade e ênfase em certas palavras; dar atenção especial à especificidade das respostas baseadas nas próprias experiências; e encontrando grandes ideias a partir da revisitação de todo o processo (KRUEGER, 2002).

O GF também pode ser executado eletronicamente ou *on-line* usando fóruns de discussão, plataformas em mídias sociais ou por videoconferência. Para isso, o pesquisador precisa considerar adaptações metodológicas e garantir questões éticas como a confidencialidade (SAKAMOTO, 2018). Essa temática será tratada mais profundamente no tópico seguinte.

2.6 Grupo focal *on-line*

O avanço da internet ampliou a facilidade de acesso a recursos digitais, viabilizando o desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área da saúde, apresentando tendência ascendente na quantidade de publicações com uso do meio virtual para coleta de dados. Os estudos que utilizam esses meios precisam ter igual rigor metodológico para obtenção de dados confiáveis, devendo o pesquisador ter domínio da técnica utilizada (SALVADOR et al., 2020).

Em março de 2020 a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou estado de pandemia da doença COVID-19 causada por um novo coronavírus. As principais recomendações da OMS para reduzir a transmissão do vírus foram o distanciamento social, isolamento e quarentena (WHO, 2020). Por esse motivo, a coleta de dados *on-line* foi uma alternativa para a continuidade de estudos em andamento e do desenvolvimento de novas pesquisas em saúde.

O GF *on-line* foi uma das técnicas escolhidas por diversos autores para realização de suas pesquisas nesse período, sendo também utilizada em estudos anteriores ao momento atual de pandemia (ROLLS et al., 2016; SKELTON et al., 2018; LADDS et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020).

A coleta de dados pode ser feita de forma assíncrona, quando o acesso do participante e do pesquisador não acontece simultaneamente, podendo o indivíduo responder aos questionamentos e participar dos debates no momento que achar melhor, como acontece nos fóruns de discussão. Além disso, a coleta também pode acontecer de maneira síncrona, onde há acesso simultâneo dos sujeitos envolvidos com a pesquisa, como nas videoconferências. Os

GFs *on-line* realizados de forma síncrona permite uma maior interação e tem maior semelhança com o desenvolvimento dos grupos presenciais (SCHRÖEDER; KLERING, 2009).

Os benefícios e limitações específicas do uso de GF *on-line* como estratégia de coleta de dados precisam ser conhecidos e descritos para adequado planejamento e uso da metodologia. Dentre os principais benefícios estão a ampla cobertura geográfica e o baixo custo (WILLIAMS et al., 2020).

Destacando a amplitude dessas vantagens, Williams e colaboradores (2020) tiveram uma amostra de pessoas de quatro países do Reino Unido. Além disso, sabe-se que a técnica de GF exige recurso monetário para ser realizada, empregado em recrutamento, local de realização, deslocamento, alimentação, equipamentos e outros, demonstrando que o formato *on-line* reduz significativamente esses custos (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017).

Ademais, são citados ainda benefícios como o arquivamento seguro dos dados, minimização do efeito de influência de grupos e possibilidade de anonimato. Os últimos se dão principalmente pelo participante se sentir menos intimidado para expor suas ideias por reações negativas de outros integrantes, como por expressões, vestimentas e olhares (MENDES, 2009; SCHRÖEDER; KLERING, 2009; SALVADOR et al., 2020).

A restrição de coleta de dados não verbais, a pouca profundidade das respostas e a perda fácil de foco foram limitações destacadas em estudos (MENDES, 2009; SCHRÖEDER; KLERING, 2009; SALVADOR et al., 2020). A dispersão ocorre mais facilmente no formato *on-line*, pois enquanto um participante fala, outro membro pode atender um telefonema, fazer coisas paralelas e até sair da sala e só depois retornar ao computador (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009).

Além disso, a falta de habilidade dos participantes da pesquisa com a tecnologia e, apesar do crescimento no acesso à internet, muitos ainda não o possuem, sendo esse ponto importante ao se pensar a pesquisa *on-line* por poder gerar exclusões (MENDES, 2009). Sendo disso, faz importante uma sensibilização inicial com os participantes para que os mesmos não se sintam preteridos. A possibilidade de quedas de conexão também deve ser considerada (SCHRÖEDER; KLERING, 2009).

A metodologia dos GF *on-line* não se diferencia na maioria dos aspectos dos que ocorrem presencialmente. O planejamento de GF em ambiente virtual acontece da mesma forma que o presencial, com destaque para a diferença quanto ao espaço físico, que nesse caso precisa ser selecionado de acordo com o *software* ou plataforma de interação e as ferramentas de suporte que serão utilizadas (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009). A duração e a quantidade recomendada de pessoas também não diferem, porém o tempo depende da

quantidade de questões e até mesmo da familiaridade dos participantes com o processo *on-line*, não tendo ainda consenso na literatura sobre esses aspectos (SCHRÖEDER; KLERING, 2009).

O convite pode ser realizado da mesma forma que o recomendado para GF tradicional, acrescentando o *link* para acesso a sala de discussão (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009). O consentimento do participante para participar da pesquisa pode ocorrer via e-mail ou verbalmente no início do GF, devendo os integrantes serem informados quanto a todos os aspectos da pesquisa, bem como garantido o anonimato e total sigilo (MENDES, 2009; WILLIAMS et al, 2020).

A equipe de condução sugerida é a mesma do presencial, exigindo que o facilitador e co-facilitador possuam habilidades com a técnica e temática trabalhada, além da tecnologia utilizada. Quanto ao papel do observador, no formato *on-line* precisará estar atento a toda dinâmica do processo de discussão que envolve a gravação e uso simultâneo de *chats* (LADDS et al., 2020). Algumas plataformas possuem a opção de gravação em que salva além da voz e vídeo, as interações que ocorreram via *chat* e o tempo em que elas ocorreram durante o desenvolvimento do GF, facilitando as anotações do observador e as análises posteriores.

Isto posto, destaca-se a relevância do desenvolvimento de estudos que analisem o uso da técnica a fim de verificar se o uso de GF *on-line* produz dados consistentes e confiáveis e desenvolver recomendações metodológicas específicas para seu uso para replicação em pesquisas no âmbito da saúde, objeto desta pesquisa.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Analisar o uso da técnica de grupo focal *on-line* na elaboração do modelo lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal.

3.2 Objetivos Específicos

- Descrever o processo de planejamento e execução de grupos focais *on-line* na elaboração do modelo lógico do Programa Saúde na Escola;
- Analisar a contribuição do grupo focal *on-line* na elaboração do modelo lógico do Programa Saúde na Escola;
- Desenvolver recomendações metodológicas para uso da técnica de grupo focal *on-line*.

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

O presente estudo faz parte de uma pesquisa maior intitulada “Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola”, Projeto 914BRZ1066/ Edital 01/2018/ UNESCO/MS. Trata-se de um estudo analítico, com abordagem qualitativa, que tem como premissa epistemológica a dialogicidade estabelecida na interação entre os pares de trabalho, onde a subjetividade e singularidade da realidade social é considerada por meio da compreensão interpretativa (MINAYO, 2012).

4.2 Contextualização da pesquisa: planejamento dos Grupos Focais *on-line*

O planejamento dos GFs a serem realizados com os estados iniciou definindo com clareza os objetivos da pesquisa com o uso da técnica, sendo principalmente levantar as contribuições dos representantes do PSE no âmbito estadual e municipal acerca do ML do programa a partir da interação grupal. Dessa forma, definiu-se o ML construído até então (Anexo 2) como roteiro/guia de discussão.

Os GFs foram inicialmente planejados para acontecer de forma presencial, porém devido à pandemia da COVID-19 precisaram ser repensados para o formato *on-line*. A fim de se aproximar mais do que estava previsto para ocorrer e permitir maior aproximação com os participantes da pesquisa, foi considerado o GF *on-line* de forma síncrona através de videoconferência, diante do fato desse formato já ser realizado em outros estudos, sendo definida a plataforma virtual que ocorreria pensando no que seria preciso para seu desenvolvimento e que fosse de fácil manuseio e gratuita. Dessa forma, definiu-se a utilização do *Google Meet*, que por ter vínculo com a universidade dos pesquisadores permite que apenas convidados entre na sala, além disso possibilita a gravação de vídeo e *chat* e o compartilhamento de documentos na tela durante a chamada.

O ML que seria utilizado como roteiro permaneceu, porém, agora exibido através da plataforma virtual escolhida. O GF foi pensado para ocorrer em 3 horas, sendo um encontro com cada estado sorteado, fechando então 7 encontros. O planejamento da execução continha momentos de boas-vindas e apresentação da pesquisa atrelada a leitura e aprovação do TCLE, apresentação dos participantes, exibição do ML e início das discussões e contribuições conforme cada componente presente nele, seguido de encerramento e agradecimentos.

A equipe de condução foi definida de acordo com as habilidades e *expertise* de cada integrante. O facilitador para conduzir o grupo, o co-facilitador para auxiliá-lo e fazer as

alterações no ML conforme as contribuições iam sendo dadas e, o observador para abrir a sala virtual, enviar o *link* de acesso, permitir a entrada dos sujeitos convidados e auxiliá-los caso necessário, assim como garantir a gravação do encontro.

O convite foi planejado para ocorrer por telefone e e-mail para os representantes da Saúde e Educação do PSE nos estados a fim de explicar a proposta e os objetivos da pesquisa com as datas acordadas e o convite estendido aos municípios através deles conforme orientação de serem convidados até 3 municípios, sendo a capital e municípios circunvizinhos com representantes da saúde e educação. O recurso financeiro previsto para deslocamento, alimentação, materiais a serem utilizados, dentre outros, não foi mais necessário no formato remoto do GF.

Os tópicos seguintes desse trabalho descreverão como foi a metodologia e desenvolvimento dessa pesquisa, destacando algumas mudanças do que havia sido planejado que precisaram ser feitas conforme o andamento da pesquisa.

4.3 Participantes e coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de GF *on-line*, realizado com profissionais, tanto da educação quanto da saúde, envolvidos com o PSE em estados das cinco regiões do Brasil, por meio da plataforma virtual *Google Meet*. Os encontros aconteceram nos meses de maio a junho de 2020.

Os estados foram selecionados por sorteio entre os 26 estados e Distrito Federal (DF) a partir do tamanho das regiões do Brasil, sendo realizado da seguinte forma: um estado nas regiões sul, sudeste e centro-oeste, e dois estados nas regiões norte e nordeste. Os estados, por meio dos seus representantes/gestores do PSE no âmbito da saúde e educação, foram convidados a participarem da pesquisa por meio de e-mail e contato telefônico.

Os representantes municipais participantes foram convidados pelos gestores estaduais selecionados, conforme orientação de não ultrapassar o convite para 3 municípios, abarcando a capital e municípios limítrofes, e que fossem profissionais envolvidos com o Programa na gestão municipal da saúde e educação. Não foi estabelecido número máximo de participantes, considerando a probabilidade alta de desistência pela experiência dos pesquisadores.

Com 24 horas de antecedência, foi encaminhado novo e-mail lembrete com a data e horário acordados. Nesse e-mail também foi encaminhada em anexo a Nota Técnica do IPEA (CASSIOLATO; GUERESI, 2010), a fim de conhecerem as etapas de construção do ML utilizadas na pesquisa, e um roteiro do GF que seria realizado (SANTOS et al., 2020) (Anexo

1). Neste mesmo e-mail foi escrito que o *link* de acesso à sala virtual seria enviado por e-mail 30 minutos antes do início da atividade.

A condução do GF foi feita pelo pesquisador responsável que teve auxílio de um co-facilitador e um observador, sendo o último o autor dessa dissertação. O primeiro ficou responsável por auxiliar o facilitador, quando necessário, no esclarecimento de algum tópico do ML e conduzir o grupo caso houvesse queda ou oscilação na internet do moderador principal. Além disso, fazia o registro das contribuições na prévia de ML utilizado no grupo como guia/roteiro de condução do GF demonstrado no Anexo 2, construído a partir dos documentos do PSE e GF presencial ocorrido com a gestão federal do programa (SANTOS et al., 2020). O observador ficou incumbido de abrir a sala virtual e gerar o *link* de acesso, autorizar a entrada dos participantes, garantir a gravação do GF e ajudar no acompanhamento das interações ocorridas no *chat*.

4.4 Análise de dados

Os encontros foram gravados e posteriormente transcritos, sendo as falas feitas através do *chat* também extraídas. A plataforma virtual utilizada permitiu a gravação do *chat* contendo o tempo em que foi feita cada contribuição, permitindo a identificação do momento da fala durante as discussões. Além disso, o vídeo ficou salvo, podendo ser revisto a qualquer momento para também realizar a identificação de comunicação não verbal. A fim de preservar a identidade dos participantes e garantia do sigilo, cada GF realizado foi identificado por uma letra associada a numeração arábica.

O uso da técnica de GF *on-line* foi descrita e posteriormente avaliada conforme roteiro para desenvolvimento de GF proposto por Krueger (2002), a fim de analisar o processo metodológico. Além disso, utilizou-se as questões analíticas propostas por Stevens (1996) para verificar como a técnica permitiu a construção de conhecimento e compreensão das experiências a partir das trocas estabelecidas colaborando com sugestões no ML do PSE, diante do principal objetivo do uso do GF como coleta de dados, a interação.

4.5 Aspectos éticos

O projeto foi aprovado pelo comitê de ética, CAAE: 64498216.4.0000.0030, Faculdade da Saúde – FS, parecer n. 2.221233. Os participantes foram convidados a participarem da pesquisa e esclarecidos quanto ao seu desenvolvimento por meio de leitura conjunta do Termo

de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (SANTOS et al., 2020) (Anexo 3), sendo expressa a sua aceitação de forma verbal e escrita.

5 RESULTADOS

Foram realizados 8 GF *on-line*, tendo em vista que o primeiro encontro precisou ter continuidade em outro dia. Esse GF serviu como piloto para o desenvolvimento dos demais, sendo a metodologia revista e algumas decisões tomadas a partir dele. O Quadro 2 apresenta as informações gerais sobre os GFs realizados, incluindo algumas observações sobre a mobilização dos parceiros.

Quadro 2 – Informações básicas sobre os Grupos Focais *on-line* realizados na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal, 2021.

Estado	Data	Horário	Número de participantes	Duração	Observações
A	14/05/2020 21/05/2020	14h:30min 8h:30min	7 4	1h:48min 1h:30min	A mobilização do parceiro local para o primeiro encontro foi satisfatória, porém para o segundo o comprometimento de estar presente ficou para cada participante.
B	22/05/2020	14h:30min	8	3h:10min	A mobilização do parceiro local foi satisfatória.
C	25/05/2020	14h:00min	10	3h:09min	A mobilização do parceiro local foi satisfatória.
D	26/05/2020	10h:00min	7	2h:07min	A mobilização do parceiro local foi satisfatória.
E	27/05/2020	14h:00min	5	2h:38min	O parceiro local teve dificuldade para mobilização dos participantes, fazendo isso ainda no momento de início do grupo.
F	01/06/2020	14h:00min	15	2h:55min	Os pesquisadores tiveram dificuldade na mobilização dos parceiros locais. Após vencer essa etapa, os parceiros locais mobilizaram de forma satisfatória os participantes.
G	05/06/2020	14h:00min	10	4h:15min	Os pesquisadores tiveram dificuldade na definição de data com os parceiros locais. Após vencer essa etapa, os parceiros locais mobilizaram de forma satisfatória os participantes.

Fonte: Elaboração própria.

A maioria dos GFs aconteceram no período da tarde e tiveram participação média de 10 pessoas, distribuídas entre gestores do PSE nos estados e municípios das áreas da Saúde e Educação, assim como estiveram presentes alguns implementadores diretos do programa nos municípios. A função de cada um e seu local de lotação não foi possível descrever, pois a apresentação dos participantes aconteceu de forma voluntária e livre.

A mobilização feita pelos parceiros locais, representantes estaduais do PSE, foi satisfatória na maior parte dos estados por conseguirem que os profissionais tivessem interesse em participar do processo e estivessem presente no dia do encontro. Entretanto, os pesquisadores tiveram dificuldades iniciais quanto a sensibilização desses atores em alguns locais. O motivo mais forte para esta dificuldade foi o difícil momento político atual atrelado às condições da gestão do PSE a nível federal com constante alteração e pouco diálogo com os representantes no âmbito estadual e municipal, sendo essas queixas expressas em falas em alguns GFs, desencadeando a notável falta de interesse de alguns. Além disso, foi justificado também pela alta carga de trabalho devido a condição atual de pandemia que serão descritas e discutidas posteriormente nessa dissertação.

Destaca-se ainda que os parceiros locais foram esclarecidos sobre o processo de construção do ML e como se daria o encontro, frisando se tratar de uma pesquisa e que seria feita no formato de GF com duração aproximada de 3 horas, destacando seus objetivos. Da mesma forma, as informações elencadas deveriam ser repassadas aos representantes municipais pelo estado durante o convite de participação, o que foi possível notar que não ocorreu em alguns locais diante de algumas falas, descritas em tópicos seguintes.

Os obstáculos iniciais foram vencidos e os GFs *on-line* executados. As etapas metodológicas empreendidas no planejamento dos GFs serão descritas no tópico seguinte junto à sua avaliação segundo recomendações de Krueger (2002), considerando que a explicitação das escolhas e das premissas são partes importantes da pesquisa “como integrante de um diálogo e não apenas captação de ‘dados’” (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017, p.806).

5.1 Grupo Focal *on-line*: descrevendo o processo

O processo de planejamento e execução do GF impacta nos dados coletados, sendo relevante descrever cada etapa do desenvolvimento da técnica detalhadamente. Com isso, abaixo será relatado como os GFs no formato *on-line* foram desenvolvidos nessa pesquisa.

5.1.1 Roteiro de discussão

A construção do ML do PSE seguiu várias etapas, como já citado anteriormente, passando pelo levantamento e leitura exhaustiva dos documentos do programa e posterior GF presencial com gestores do PSE nos Ministérios da Saúde e Educação. O ML resultado dessas etapas foi utilizado como guia ou roteiro para a condução do GF *on-line* realizado com os estados, perpassando em cada momento componente por componente do modelo (recursos,

ações, produtos, resultados intermediários e finais) levantando sugestões dos participantes de manutenção, alteração ou inclusão de algum tópico de acordo com seus conhecimentos e experiências com o programa (Anexo 2).

5.1.2 Seleção e convite dos participantes

Os participantes foram selecionados considerando a homogeneidade de todos estarem envolvidos com o PSE e a heterogeneidade de serem de áreas (Saúde e Educação) e funções (gestores e implementadores) distintas, a fim de haver compartilhamento de experiências diferentes para o estabelecimento de debates e uma construção de ML mais rica.

O convite foi feito via e-mail e ligação telefônica, sendo o primeiro mais formal e o segundo com objetivo de aproximação e maior sensibilização dos parceiros locais. Os pesquisadores solicitaram apoio desses parceiros para convite dos gestores envolvidos com o programa nos municípios, estabelecendo que não ultrapassasse o convite a 3 municípios, porém sem limitar quantidade de pessoas, visando alcançar um número significativo de membros, conhecendo a dificuldade desse alcance.

A sensibilização foi satisfatória no sentido de conseguir mobilizar os participantes em potencial e sem dificuldades na maioria dos estados. Isso pode ter acontecido pelo fato de que o Ministério da Saúde no início de 2020 teve uma reunião com os gestores estaduais e falou sobre o projeto de construção do ML do PSE que aconteceria no decorrer desse ano.

O convite foi reenviado um dia antes da realização do GF com a data e horário, sendo o *link* para acesso à sala virtual encaminhado com 30 minutos de antecedência. Como dito anteriormente, o primeiro grupo realizado teve dificuldade na compreensão do ML apresentado (Anexo 2), precisando haver um segundo encontro. Com isso, os pesquisadores avaliaram o que poderia ser feito para amenizar esse problema, decidindo por encaminhar nesse e-mail o material base contendo a metodologia utilizada para elaboração do ML do PSE e um roteiro (Anexo 1) resumo do que iria ser trabalhado no GF. Esses documentos passaram a ser encaminhados aos demais GFs realizados com 24h de antecedência. A estratégia cumpriu com seu objetivo, pois não foi mais necessário um segundo encontro para nenhum outro GF realizado, sendo todos os outros realizados em um único dia.

A partir do primeiro GF também se optou por solicitar a entrada na sala com 10 minutos de antecedência para testar o equipamento para começar no horário, pois houve notável atraso no início da atividade esperando a entrada de todos e adaptação à plataforma virtual. Ainda assim, em todas as oficinas continuou havendo atraso para o início. Outra alteração que passou

a ser executada foi o envio do ML (Anexo 2) que seria trabalhado por e-mail no momento do GF, após aceite do TCLE, tendo essa atividade tomado bastante tempo.

5.1.3 Equipe de condução

A equipe de execução do GF *on-line* foi composta por um facilitador ou moderador responsável pela condução, um co-facilitador e um observador. O moderador era treinado e hábil em conduzir GFs, além de ter feito parte de todas as etapas de construção do ML do PSE e ser conhecedor do Programa.

O co-facilitador possuía as mesmas habilidades, ficando com a função principal de inserir as contribuições dos participantes no ML no momento do GF e, como função secundária, substituir o moderador caso houvesse falha ou queda na sua internet, o que realmente foi necessário em alguns momentos.

O observador ficou responsável por abrir a sala virtual, autorizar entrada dos membros e controlar a gravação. Além disso, surgiram problemas quanto à alguns participantes que apresentaram dificuldade para entrar na sala e/ou usar a plataforma, sendo o observador responsável por auxiliá-los nesse sentido. O acompanhamento da interação no *chat* acabou sendo realizado por toda a equipe.

O grupo de trabalho foi pensado a partir do que se pretendia levantar, de que forma e estudos das possíveis intercorrências que poderiam ocorrer no ambiente virtual, chegando à conclusão de que para todas as funções que deveriam ser executadas, três pessoas seriam suficientes. O quantitativo foi realmente o bastante, até mesmo pensando nos imprevistos que aconteceram e que a equipe conseguiu resolver em tempo hábil.

5.1.4 Espaço físico e equipamentos utilizados

Os pesquisadores não possuíam total controle do espaço físico onde os participantes estariam no momento do GF *on-line*, diferente do que geralmente ocorre presencialmente. Entretanto, o *software* ou plataforma virtual que foi utilizado precisou ser pensado com antecedência, assim como o acesso à um ambiente com conexão à internet.

A escolha de videoconferência pelo *Google Meet* para o GF *on-line* de construção do ML do PSE foi escolhido por ser gratuita, não ter limite de tempo de uso da sala aberta, ter capacidade de participantes de até 100 pessoas e permitir:

- Apenas pessoas autorizadas entram na sala;
- Ativar e desativar microfone dos participantes;
- Enviar mensagens pelo *chat*;

- Compartilhar apresentação;
- Gravar a videoconferência com arquivamento do *chat* com tempo de gravação;
- Usar a plataforma pelo celular.

Os recursos que a plataforma disponibiliza possibilitou um controle maior da entrada de pessoas na sala, além de viabilizar a redução de ruídos quando algum integrante esquecia o microfone aberto no momento da fala de outro colega, pois o observador conseguia desativar o áudio de qualquer participante. O envio de mensagem pelo *chat* facilitou a comunicação dos participantes mais tímidos e com problemas no microfone, que participaram ativamente por esse meio. O uso do *chat* também serviu para o compartilhamento de e-mails, telefones, nomes e *links* para acesso à alguma informação.

O TCLE (Anexo 3) e o ML utilizado (Anexo 2) como guia foram compartilhados como apresentação no momento do GF, permitindo a visualização por todos. A plataforma propiciou ainda o acesso ao GF de qualquer lugar pela possibilidade de uso em aparelhos de celular.

A gravação da videoconferência, após finalizada, foi encaminhada via e-mail ao observador que abriu a sala, assim como a extração das falas do *chat* com o momento do vídeo em que foi dita. Essa gravação fica salva e pode ser reassistida a qualquer momento, o que possibilitou a revisitação do material e análise da interação dos participantes após o desenvolvimento do GF.

5.1.5 Momentos de execução

O desenvolvimento do GF ocorreu de acordo com as seguintes etapas:

- 1) Boas-vindas e apresentação histórica da construção do ML do PSE no âmbito nacional;
- 2) Apresentação dos participantes;
- 3) Leitura e aprovação do TCLE – ênfase nas questões éticas;
- 4) Apresentação do ML do PSE, já discutidos na primeira etapa com os Ministérios da Saúde e da Educação;
- 5) Discussão e sugestões no ML do PSE componente por componente (recursos, ações, produtos, resultados intermediários e finais);
- 6) Resumo das principais sugestões dos participantes para confirmação e fechamento do ML do PSE do estado;
- 7) Agradecimentos.

As boas-vindas e apresentação das etapas de construção do ML do PSE aconteceram no início do GF e foi essencial para que os participantes compreendessem em que parte do processo

estariam contribuindo e a importância de sua participação. Cabe ressaltar que antes que se iniciasse a interação, foi pedido autorização para que o encontro fosse gravado.

Seguindo, ocorreu a apresentação dos pesquisadores e quais eram as suas funções na execução do GF e dos integrantes convidados de forma livre e espontânea. Esse momento permitiu com que a equipe de condução conhecesse os participantes e que eles se conhecessem entre si, visto que alguns ainda não haviam tido contato, mesmo atuando no mesmo estado e no mesmo Programa.

Após, o TCLE foi compartilhado na tela e lido na íntegra por um dos pesquisadores, sendo expresso seu aceite de forma verbal e escrita por meio do *chat*. Nesse momento foi destacada a questão do sigilo, de forma que os pesquisadores fossem resguardados por estarem enviando por e-mail o ML até então construído (Anexo 2) e os participantes com relação às suas falas no decorrer do GF, deixando-os mais seguros e a vontade ao expressarem suas opiniões.

O ML (Anexo 2) foi então apresentado na tela e encaminhado por e-mail aos participantes para uma melhor visualização, caso preferissem, seguindo para as discussões de cada componente do modelo (recursos, ações, produtos, resultados intermediários e finais). Nessa etapa o facilitador lia cada ponto a ser trabalhado em cada componente e os participantes davam sugestões para manter, alterar, complementar ou excluir um tópico. Esgotadas as discussões o facilitador fazia um resumo geral do que foi proposto pelo grupo para confirmarem e encerrarem os debates, partindo para os agradecimentos e finalização do encontro.

A Tabela 1 demonstra o tempo dispendido nas etapas: 1h:48min a 4h:15min de tempo total de gravação, 10 a 24min de explicação, leitura e aceite do TCLE, 7 a 19min de apresentação, 7 a 37min de apresentação e envio do ML por e-mail, 3 a 14 minutos de encerramento e agradecimento e, por fim, de 45min a 3h:19min de discussão do ML. Essas informações serão discutidas nos próximos tópicos referentes a cada GF em específico, detalhando como ocorreu cada momento diante de intervalos de tempo bastante distintos entre um grupo e outro.

Tabela 1 – Duração total e de cada momento dos Grupos Focais *on-line* realizados na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal, 2021.

Estado	Tempo total de gravação	Tempo total inicial até início das discussões no ML	Tempo de explicação, leitura e aceite do TCLE	Tempo de apresentação	Tempo de apresentação do ML e envio por e-mail	Tempo de encerramento e agradecimentos	Tempo de discussão do ML
A	1h:48min	0h:55min	0h:20min	0h:10min	0h:25min	0h:08min	0h:45min
	1h:50min	0h:00min	0h:00min	0h:00min	0h:00min	0h:03min	1h:47min
B	3h:10min	0h:36min	0h:16min	0h:13min	0h:07min	0h:14min	2h:20min
C	3h:09min	0h:40min	0h:19min	0h:09min	0h:12min	0h:04min	2h:25min
D	2h:07min	0h:57min	0h:10min	0h:10min	0h:37min	0h:08min	1h:02min
E	2h:38min	0h:35min	0h:14min	0h:11min	0h:10min	0h:11min	1h:52min
F	2h:55min	0h:35min	0h:12min	0h:07min	0h:16min	0h:05min	2h:15min
G	4h:15min	0h:51min	0h:24min	0h:19min	0h:08min	0h:05min	3h:19min
Média total	2h:44min	0h:38min	0h:14min	0h:09min	0h:14min	0h:07min	1h:58min

Fonte: Elaboração própria.

A priori, dá para notar que o tempo dispendido apenas nas discussões focadas no roteiro estariam em sua maioria dentro das recomendações de duração para GF, entre 1 e 2 horas, entretanto quando vemos a duração total da gravação extrapola demais esse intervalo. Isso se deu muito pela complexidade da estrutura do ML, demandado muito tempo de explicação e necessidade de envio por e-mail para melhor visualização e acompanhamento pelo grupo, assim como períodos de espera por falha ou oscilação na internet ou dificuldades com a tecnologia. Além disso, destaca-se o momento político e de saúde (pandemia) que parece ter feito com que os participantes utilizassem o espaço como oportunidade de falarem e serem ouvidos, expressando suas insatisfações e até mesmo expondo seu trabalho para um possível reconhecimento.

5.1.6 Resumo e avaliação do processo

O Quadro 3 apresenta um compilado geral do que foi realizado em cada etapa de desenvolvimento do GF junto às recomendações de Krueger (2002).

Quadro 3 – Resumo das principais recomendações para o planejamento e execução de Grupo Focal e do que foi realizado na pesquisa do Grupo Focal *on-line* na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal, 2021.

Etapa	Recomendação (KRUEGER, 2002)	Realizado
Seleção e convite dos participantes	<ul style="list-style-type: none"> • 5-10 pessoas por grupo, de preferência 6-8 • Tipos semelhantes de pessoas • Definição de horários e datas • Entrar em contato com os participantes em potencial por telefone ou presencialmente • Enviar convite personalizado por escrito • Contatar via telefone cada pessoa um dia anterior ao encontro 	<ul style="list-style-type: none"> • 4-15 pessoas por grupo • Tipos semelhantes de pessoas • Definição de horários e datas • Contato com os parceiros locais por telefone e e-mail • Envio convite personalizado por escrito via e-mail • Contato via e-mail um dia anterior ao encontro
Roteiro de discussão	<ul style="list-style-type: none"> • Organizar questões de gerais para específicas • Usar diferentes tipos de perguntas (de abertura, introdutória, de transição, perguntas-chave e finais) 	<ul style="list-style-type: none"> • Uso do ML como guia para condução*
Espaço físico	<ul style="list-style-type: none"> • Confortável • Assentos circulares • Garantia de gravação 	<ul style="list-style-type: none"> • Plataforma virtual <i>Google Meet</i> • Gravação garantida
Equipe de condução	<ul style="list-style-type: none"> • Moderador hábil em discussão em grupo e com conhecimento sobre o tema abordado • Moderadores assistentes para lidar com logística, anotações e equipamentos de gravação 	<ul style="list-style-type: none"> • Moderador e co-facilitador hábil em discussão em grupo e com conhecimento sobre o tema abordado • Co-facilitador para lidar com anotações e substituir o moderador em casos de queda de internet • Observador para lidar com logística e gravação
Execução	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas • Visão geral do tema • Regras básicas • Apresentação • Primeira pergunta • Resumo com confirmação • Revisão do propósito e se algo foi perdido • Agradecimento 	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas • Visão geral do tema • Apresentação dos participantes • Leitura e aprovação do TCLE • Apresentação do ML* e início das discussões segundo guia • Resumo com confirmação • Revisão do propósito e se algo foi perdido • Agradecimento

Fonte: Elaboração própria.

Nota: SANTOS et al., 2020.

A quantidade de pessoas foi, em um dos grupos, inferior ao mínimo recomendado, provavelmente por ter sido o segundo encontro de um mesmo GF, como explicado anteriormente. Houve ainda um grupo com 15 pessoas, ultrapassando a quantidade máxima sugerida. Ainda que tenha sido definido previamente o número de municípios, nem todos os estados respeitaram esta organização, sobretudo os com maior dificuldade na relação com o governo federal, e na aceitação da condução do Programa no momento das oficinas.

O convite prévio foi feito parcialmente conforme Krueger (2002), exceto com relação ao convite presencial que a pandemia impossibilitou e o contato no dia anterior, que foi realizado pelos pesquisadores de forma escrita via e-mail, sendo essa escolha feita por precisar haver também o envio do *link* de acesso à sala virtual e os documentos orientadores. Quanto ao

roteiro de perguntas para discussão, por se tratar da construção de um ML, não houve elaboração de questões específicas, seguindo o próprio esquema do modelo como guia para condução.

O conforto de cadeiras e de locais calmos sem ruídos e a distribuição dos participantes em círculo não foi possível de ser previsto no formato *on-line* do GF, visto que cada membro estava em locais distintos, não tendo os pesquisadores controle sobre esses ambientes, sendo possível muitas vezes notar participantes sendo chamados por alguém, atendendo telefone ou fazendo outras atividades paralelas. Para a estrutura física foi possível estabelecer somente a plataforma que seria utilizada e os documentos apresentados durante o desenvolvimento do grupo.

Quanto a equipe de trabalho, foi realizada conforme o autor sugere, porém as anotações foram realizadas posteriormente no momento da análise ao reassistir as gravações. A condução do GF seguiu etapas semelhantes ao levantado por Krueger (2002), com alguns pontos a mais como a explicação do histórico de construção do ML do PSE que os pesquisadores julgaram necessário fazer. Além disso, foi frisada a importância das questões éticas e sigilo quanto ao que fosse discutido no grupo durante a leitura do TCLE. Entretanto, demais regras básicas iniciais não foram pactuadas.

O processo de desenvolvimento do GF teve em sua maioria pontos semelhantes ao recomendado por Krueger (2002), sendo a maior parte das diferenças ocorridas pelo GF ter sido pensado e executado no formato *on-line*. Os aspectos levantados nesse tópico serão discutidos de forma mais aprofundada no decorrer dessa dissertação.

5.2 Contribuição do Grupo Focal *on-line* na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola a partir da interação

A técnica de GF foi pensada por permitir a interação dos participantes e a construção coletiva sobre um tópico semelhante, no caso o PSE. A contribuição dos estados e municípios na elaboração do ML do programa foi de suma importância, visto que existem especificidades na implementação que os gestores federais desconhecem, devendo estas serem acolhidas no ML final, pois precisa dar subsídio para monitoramento e avaliação do programa em todos os níveis de gestão.

Mesmo com as diferenças locais foi possível identificar temas emergentes de sugestões para o ML nos GFs em todos os componentes do modelo. Nos recursos sugeriram em material técnico a atualização deste e inserção na página do Programa na internet e, com relação ao sistema de informação, onde os dados do PSE são inseridos, levantaram bastante discussão

acerca do acesso ser disponível para a saúde e educação. Em ações foi onde tiveram mais contribuições, tratando referente ao tema da Semana Saúde na Escola ser definido com consulta aos estados e municípios, a articulação e parceria com outros setores além da saúde e educação e Educação Permanente em Saúde com profissionais e gestores a fim de que sejam multiplicadores. Em produtos levantaram a questão de exclusão de metas de formação e os GTI-Estadual (GTI-E) e GTI-Municipal (GTI-M) apoiados por meio de encontros periódicos. Por fim, em resultados intermediários houve muita discussão entorno da colocação “aumento do número de ações” e nos resultados finais sobre o impacto das ações do Programa.

De forma geral, houve mais sugestões de alteração de escrita do que para acrescentar algum tópico ao ML. Muitas propostas foram colocadas considerando as particularidades locais, não com uma visão da execução do Programa a nível nacional, cabendo ao pesquisador responsável pela elaboração do ML fazer ponderações quanto a essas falas conforme embasamento na legislação vigente sobre o PSE.

Considerando que o foco dessa pesquisa é a técnica do GF *on-line*, os discursos em si não foram discutidos profundamente, pois essa etapa do projeto será realizada pelo pesquisador que fará o compilado das informações e elaboração do ML final. Portanto, a seguir são descritas as principais observações acerca da execução do GF e das interações proporcionadas pela metodologia, conforme perguntas norteadoras propostas por Stevens (1996), e como elas auxiliaram no processo de construção do ML do PSE em cada GF realizado.

5.2.1 O uso das tecnologias digitais no desenvolvimento dos Grupos Focais *on-line*

O uso de tecnologia digital no desenvolvimento dos GFs colaborou para que pessoas em locais geograficamente distantes pudessem participar, além da redução expressiva nos gastos com a coleta de dados da pesquisa, pois foi utilizada uma plataforma gratuita, não havendo necessidade de gastos com materiais, alimentação e locomoção.

Apesar disso, cabe ressaltar que em todos os GFs tiveram vários momentos em que as falas foram cortadas e acabaram ficando incompreensíveis ou inaudíveis, não sendo estas possíveis de serem consideradas para a construção do ML, podendo ter havido perda de contribuições importantes. Isso pode ter ocorrido por falha ou oscilação na internet do participante, demonstrando que para o uso de GF no formato *on-line* o sujeito precisa de acesso à uma internet boa e estável.

“o áudio não está bom. cortando bastante.” A7 (chat)

“Eu mesma não consegui escutar nada, praticamente nada, falhou muito o áudio aqui pra mim.” D2

“Agora eu voltei, acho que deve ter tido alguma falha na conexão, porque a tela também tinha congelado.” E1

“G7 está avisando que está tendo problemas de conexão.” G5 (chat)

Esses momentos acabaram tomando um tempo importante, de 20 a 30 minutos a mais que o planejado em cada oficina, pois era preciso esperar a conexão se reestabelecer para o integrante finalizar a sua fala. Prejudicou ainda no desenvolvimento das discussões, pois elas eram interrompidas, ocasionando a dispersão. O tempo também foi muito tomado por dificuldades de alguns participantes com o uso da tecnologia, demonstrando que para a participação em GF nesse formato é preciso que o pesquisador tenha conhecimento básico para lidar com a ferramenta e que o moderador tenha habilidade em auxiliar os participantes no uso da tecnologia, bem como utilizar-se, concomitantemente, de outras formas de comunicação virtual, como aplicativos de mensagens, por exemplo.

“Meu áudio está com problema.” A2 (chat)

“GENTE NÃO ESTOU CONSEGUINDO DESBLOQUEAR MEU ÁUDIO.” A7 (chat)

“Estou com dificuldades no áudio.” B7 (chat)

“estao me ouvindo? não estou conseguindo falar. não esta saindo o som.” C3 (chat)

“Meu notebuk está desligando o tempo todo. Desculpem.” C9 (chat)

“Encontrei o ícone, mas não consigo liberar.” E5 (chat)

“Tem algum outro link pra ela tentar? Porque ela disse que não tá conseguindo... Ela já retornou, ela já reiniciou o celular, já tirou o link, colocou novamente, ela disse que não consegue, não sei o que tá acontecendo.” E2

“Não estou conseguindo desbloquear o microfone...” F7 (chat)

5.2.2 O uso do *chat* no desenvolvimento dos Grupos Focais *on-line*

Percebeu-se que ao mesmo tempo que o *chat* auxiliou alguns processos no GF como no compartilhamento de informações e ideias das pessoas com problemas no microfone e dos participantes com mais timidez, exigiu mais tempo e habilidade do moderador e co-facilitador na compreensão da ideia que o participante estava querendo trazer para debate, pois alguns usavam frases curtas e pouco explicativas, porém tiveram a função de serem geradoras de discussão.

5.2.3 O uso da câmera no desenvolvimento dos Grupos Focais *on-line*

Alguns participantes preferiram não ligar a câmera, isso dificultou a análise de expressões não verbais. Os pesquisadores notaram que no formato *on-line* os participantes têm menos engajamento na atividade e que a possibilidade de estar com a câmera desligada faz com que se “escondam” atrás do equipamento e não se expressem. Ao mesmo tempo, permite que as pessoas não tenham medo de expressar suas queixas por se sentirem menos expostas.

Além disso, não foi possível visualizar todos ao mesmo tempo, pois como o desenho do ML estava sendo compartilhado, a tela oscilava entre um participante e outro. Ademais, dava para ver apenas o rosto dos participantes, podendo ser notado apenas algum gesto com as mãos no momento das explicações.

O desenvolvimento de atividades paralelas dos participantes foi possível ser percebido tanto pela câmera (conversa com outra pessoa ou uso do celular) quanto quando esqueciam microfone ligado. Outro fator que deve ser levado em conta é o espaço físico que, caso não esteja reservado para sua ocupação individual, pode levar a distração. Em um dos grupos a própria participante justificou a ausência:

“Gente, entrou um pacientezinho comendo biscoito aqui, desculpa, àquela hora na minha sala.” E2

5.2.4 Conhecimento sobre o tema no desenvolvimento dos Grupos Focais *on-line*

Os encontros tinham dois temas transversais na sua estrutura, o PSE e o ML, ambos exigiam algum conhecimento dos participantes. A estrutura do ML é complexa por ser rica em detalhes e informações, como pode ser observada no Anexo 2, considerando ainda que está tratando de um programa de natureza também complexa como o PSE. Dessa forma, foi dispendido tempo em todos os GFs para explicação de seu desenho e, ainda assim, para alguns não foi de fácil compreensão. Essa dificuldade foi expressa de forma verbal e/ou, pode ter acontecido ainda, que pessoas não tenham se exposto por não terem familiaridade com sua estrutura ou com o próprio tema, no caso o PSE, visto que alguns participantes tinham acabado de ocupar o cargo junto a gestão do Programa, sendo essas falas demonstradas nos tópicos seguintes referentes a cada GF especificamente.

5.2.5 Habilidades da equipe de condução no desenvolvimento dos Grupos Focais *on-line*

O facilitador permitiu um ambiente confortável para que os participantes interagissem, bem como um domínio na condução dos momentos de conflitos e esclarecimentos de dúvidas

que surgiam no decorrer do processo tanto referente aos procedimentos do GF quanto ao PSE. Ao mesmo tempo que se preocupou em que o foco fosse mantido na temática, possibilitou a flexibilização do roteiro para compartilhamento de experiências ou expressões de queixas, acolhendo todas as falas, gerando assim uma relação de confiança. Se atentou ainda aos participantes com fala dominante, incentivando a participação do restante do grupo para que houvesse uma construção coletiva.

O co-facilitador foi hábil na ferramenta para manusear o ML conforme as sugestões ocorriam, além de conseguir dar continuidade na condução e dar apoio em alguns poucos momentos em que o facilitador teve problema de queda ou oscilação de internet, fazendo com que os debates não fossem interrompidos. O observador com habilidade com a tecnologia no GF no formato *on-line* foi importante visto que essas questões como abertura de sala, gravação, permissão de entrada e auxílio aos participantes tomaram tempo que não seria possível de ser dispendido pelos outros pesquisadores no decorrer do encontro.

5.2.6 Descrição dos encontros de Grupo Focal *on-line* e suas interações

O Quadro 4 apresenta as principais observações quanto as interações proporcionadas pela técnica do GF *on-line* que colaboraram para a construção do conhecimento para a elaboração do ML do PSE.

Quadro 4 - Interações proporcionadas pelo grupo focal *on-line* na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal em 2021, conforme perguntas norteadoras propostas por Stevens (1996).

Questões de interação (Stevens, 1996)	Estado A 1º encontro	Estado A 2º encontro	Estado B	Estado C	Estado D	Estado E	Estado F	Estado G
Com que afinidade o grupo aderiu às questões apresentadas para discussão?	Estranhamento inicial com a estrutura do ML, mas afinidade com a temática	Afinidade com a estrutura do ML e temática	Afinidade com a estrutura do ML, mas dúvidas quanto a legislação acerca da temática	Afinidade com a estrutura do ML e temática	Afinidade com a estrutura do ML e temática	Afinidade com a estrutura do ML e temática	Afinidade com a estrutura do ML e temática	Afinidade com a estrutura do ML e temática, porém uma participante com postura defensiva inicialmente.
Por que, como e quando foram trazidos os problemas relacionados?	Logo no início, após as etapas iniciais de leitura de TCLE e apresentação, quando o ML foi compartilhado na tela para os participantes a primeira fala foi sugerindo que houvesse um segundo encontro para familiarização com o material	Logo no início já começaram a fazer sugestões pontuais, pois já haviam tido contato prévio com o ML	Logo no início já começaram a fazer sugestões a partir das experiências locais	Logo no início já começaram a fazer sugestões geradoras de debates	Logo no início surgiram queixas quanto a implementação local do PSE e após apresentado o ML já começaram a fazer sugestões a partir das experiências locais	Logo no início já começaram a fazer sugestões a partir das experiências locais e legislação vigente	Logo no início já começaram a fazer sugestões pontuais utilizando o <i>chat</i>	Logo no início já começaram a fazer sugestões geradoras de debates
Que declarações permitiram conflitos?	Não houve conflito	Não houve conflito	Houve conflito em vários tópicos. Exemplos no texto	Houve conflito em vários tópicos. Exemplos no texto	Houve pouco conflito. Exemplos no texto	Houve pouco conflito. Exemplos no texto	Houve conflito em vários tópicos. Exemplos no texto	Houve conflito em vários tópicos. Exemplos no texto
Quais foram as contradições na discussão?	Inerente ao fenômeno	Inerente ao fenômeno	Inerente ao fenômeno	Inerente ao fenômeno	Inerente ao fenômeno	Inerente ao fenômeno	Inerente ao fenômeno	Inerente ao fenômeno
Que experiências comuns foram expressas?	Foram expressas experiências comuns. Exemplo no texto	Não foram expressas experiências comuns, pois as contribuições foram muito pontuais	Foram expressas experiências comuns. Exemplo no texto	Foram expressas experiências comuns. Exemplo no texto	Foram expressas experiências comuns. Exemplo no texto	Foram expressas experiências comuns. Exemplo no texto	Não foram expressas experiências comuns, pois as contribuições foram muito pontuais	Foram expressas experiências comuns. Exemplo no texto

Fonte: Elaboração própria.

Continuação do Quadro 4 - Interações proporcionadas pelo grupo focal *on-line* na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal em 2021, conforme perguntas norteadoras propostas por Stevens (1996).

Questões de interação (Stevens, 1996)	Estado A 1º encontro	Estado A 2º encontro	Estado B	Estado C	Estado D	Estado E	Estado F	Estado G
Formaram-se alianças entre os membros do grupo?	Não foi percebida formação de alianças	Não foi percebida formação de alianças	Notada a partir das falas. Exemplos no texto.	Não foi percebida formação de alianças	Notada a partir das falas. Exemplos no texto.	Notada a partir das falas. Exemplos no texto.	Notada a partir das falas. Exemplos no texto.	Notada a partir das falas. Exemplos no texto.
Houve algum participante cujo ponto de vista foi silenciado?	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo	Não houve. As falas foram acolhidas pelo grupo
Houve uma visão particular dominante?	Inicialmente a fala sobre a necessidade de um outro encontro era uma visão particular dominante, porém após passou a ser uma opinião compartilhada pelo grupo	Não houve	Não houve	Não houve	Não houve	Não houve	Não houve	Não houve
Como o grupo resolveu as divergências?	Não houve	Não houve	Divergências resolvidas com diálogo e explicação do ponto de vista a partir de experiências e a própria legislação	Divergências resolvidas com diálogo e explicação do ponto de vista a partir de experiências e a própria legislação	Divergências resolvidas com diálogo e explicação do ponto de vista a partir de experiências e a própria legislação	Não houve	As divergências precisaram ser muito moderadas pelo facilitador, visto que as colocações foram feitas pelo <i>chat</i> , sendo elas breves e superficiais	Divergências resolvidas com diálogo e explicação do ponto de vista a partir de experiências e a própria legislação
Que temas produziram consenso?	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto	Houve consenso em diversos temas. Exemplo no texto

Fonte: Elaboração própria.

Continuação do Quadro 4 - Interações proporcionadas pelo grupo focal *on-line* na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito federal em 2021, conforme perguntas norteadoras propostas por Stevens (1996).

Questões de interação (Stevens, 1996)	Estado A 1º encontro	Estado A 2º encontro	Estado B	Estado C	Estado D	Estado E	Estado F	Estado G
Quais interesses estão sendo representados no grupo?	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais	Interesses voltados à exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML pelo olhar da gestão estadual e implementadores municipais
Como foram tratadas as emoções?	Acolhidas pelo facilitador e grupo.	Acolhidas pelo facilitador e grupo.	Acolhidas pelo facilitador e grupo.	Acolhidas pelo facilitador e grupo.	Acolhidas pelo facilitador e grupo.	Acolhidas pelo facilitador e grupo.	Não foram percebidas emoções	Acolhidas pelo facilitador e grupo.

Fonte: Elaboração própria.

No geral, não houve participante com ponto de vista silenciado, sendo todas as falas e emoções expressas acolhidas com respeito pelo facilitador e pelo grupo. Destaca-se ainda o interesse representado pelos grupos, sendo por via de regra voltados à melhoria do PSE e exequibilidade do que estava sendo proposto pelo ML no âmbito estadual e municipal.

De forma geral, os participantes tiveram falas sempre constantes, sem exaltações, alteração de tom de voz ou disputa de poder no decorrer dos GFs, destacando que contradições são inerentes ao ser humano ao considerar sua constante mudança nas respostas (concordando, discordando, complementando, criticando, recusando ou revalorizando), portanto presentes em todos os encontros. Os pontos destacados no Quadro 4 serão expostos detalhadamente nos tópicos seguintes.

5.2.7 Grupo Focal - Estado A

O primeiro encontro do estado A teve 7 participantes, sendo a mobilização dos parceiros locais satisfatória no sentido de ter tido público suficiente para o desenvolvimento do GF. Entretanto, um participante referiu não estar ciente do tempo que a atividade levaria: *“Te confesso que eu não sabia que ia ser a oficina propriamente dita agora, né, então te confesso que eu não vim preparada pra ficar a tarde toda”* A1. A câmera da maioria dos integrantes permaneceu desligada durante toda a discussão, contudo alguns dos mais ativos no processo deixavam ligada na maior parte do tempo.

O GF aconteceu no período vespertino e teve duração total de 1 hora e 48 minutos, porém, por ser o primeiro, a equipe de condução ainda estava se familiarizando com o formato e precisou ainda fazer alguns ajustes metodológicos no momento do encontro, o que fez com que esse GF servisse como um piloto para os demais que ocorreriam em seguida. Esses fatores acabaram demandando 50 minutos até o início das discussões focadas no roteiro, onde o maior tempo de espera foi no envio do ML por e-mail, que não estava previsto no planejamento e precisou ser organizado durante a reunião.

Foi observado que os participantes tiveram inicialmente uma dificuldade no entendimento da proposta, considerando que o ML é complexo e com muitas informações, porém também foi observado que tinham afinidade com a temática apresentada relacionada ao PSE. Logo no início do grupo, após as etapas iniciais de leitura de TCLE e apresentação, quando o ML foi compartilhado na tela, a primeira fala foi sugerindo que houvesse um segundo encontro para familiarização com o material.

“O começo eu to conseguindo ler, mas o conjunto da obra, digamos como um todo né, essas setinhas, a riqueza dessas setinhas, eu acho que nesse formato online vai ficar complicado. Por isso que eu perguntei pra senhora se a gente poderia receber que eu acho que talvez impresso né, tendo um primeiro contato com o material, eu entendo que talvez impresso fosse mais amigável a gente ta lendo. Até pra talvez a gente amadurecer um pouquinho e voltar num outro momento, não sei.” A1

A fala partiu de um participante que tinha fala particular dominante, e os demais integrantes não interagiram à essa colocação a princípio. Com isso, no momento do encontro foi decidido enviar o ML por e-mail para que pudessem dar uma olhada mais detalhada para que as discussões pudessem ser iniciadas. O envio acabou tomando bastante tempo da videoconferência, como já citado acima.

O mesmo participante, ao retomar o foco para o modelo na tela, levantou a questão de não saber o tempo que seria necessário para construção, relatando que tinha outro compromisso agendado no período. *“Eu te confesso que eu não tinha noção da carga horária que você ia precisar. Né, então é, quatro horas, por volta de quatro, quatro e dez eu já tenho outra reunião do trabalho, que eu tinha agendado né.” A1*

Notou-se a partir dessas falas iniciais que o encontro não estava alinhado às expectativas do participante e com isso, parecem ter desmotivado um pouco o grupo para as discussões. Tiveram poucas contribuições no ML, sendo a maioria feita pelo participante citado acima a partir de suas experiências, demonstrando uma diretriz hierárquica por ter sido o responsável por estender o convite dos pesquisadores aos demais profissionais. Entretanto, cabe destacar que outros participantes também deram suas opiniões, mas não foi possível identificar pelas falas a formação de alianças entre os membros, apesar de alguns já se conhecerem antes do GF.

Ressalta-se que a visão de ninguém foi silenciada, mas 3 participantes não se envolveram ativamente nos debates e não deram opiniões sobre os temas trabalhados, ficando com as câmeras e microfones desligados. Um desses integrantes relatou no início ainda estar se apropriando do PSE, podendo justificar de alguma forma o não envolvimento no GF com sua opinião: *“...estou assim, me inteirando das ações do PSE” A4*. Entretanto, um participante ativo no processo também teve esse relato e isso não o impediu de dar suas contribuições, parecendo estar motivado com a construção do ML.

Em geral, foi possível notar alguma interação entre o grupo e consensos, onde uma fala complementava a outra e ajudava na geração de ideias sem haver contradições conflitos e divergências, conforme ilustrado abaixo retirado de um dos momentos de discussão:

“E é engraçado também, no de cima, quando fala de estados ele não colocou período, ele é igual, só que no estado ele não tem tempo e do município tem tempo.” A3

“Sugiro que siga o ciclo.” A2 (chat)

Experiências comuns foram expressas para explicarem uma informação, exemplificado nas falas a seguir.

“A gente ta, sem brincadeira, o processo foi aberto desde 2018 e a gente não ta conseguindo fechar, porque a gente tem que fazer uma consulta do território né. Então a gente mandou pras nossas regionais, regiões de saúde, e pediu pra que as regiões de saúde conversassem com as escolas. Foi feita essa conversa. Aí foi feita uma devolutiva, aí por exemplo agora ta no momento de tentar agregar o que que é material de papelaria, o que que é material de, por exemplo bola né, bola, jogos, essas coisas assim. Então ta nesse momento de agregar pra a partir daí direcionar para o setor da secretaria que fica responsável para aquisição desse bloco de itens. Assim, é um processo moroso, entendeu?” A1

“Eu sou novo no PSE, mas [inaudível] experiência em questão das compras. As compras nossas são centralizadas, não são descentralizadas, já que a gente é barra estado barra município aí né. Então por exemplo, se eu quiser comprar bola desse recurso, eu não vou lá e faço o orçamento e compro as bolas. Eu tenho que fazer o levantamento de todas as unidades quem quer comprar bola, pra fazer uma compra única. Eu não sei se é isso que a A1 tá querendo se referir, então esse processo acaba demorando muito, porque eu tenho que fazer o levantamento de todas as unidades que querem comprar bola, todas as unidades que querem comprar cartolina, pra fazer o processo licitatório.” A3

Após outro participante precisar sair por ter outro compromisso no horário, foi sugerido em concordância pelo grupo um segundo encontro para finalização das discussões após uma leitura mais detalhada e apropriação do ML. A fim de minimizar faltas nessa segunda reunião, a data e horário foi pactuado no final do primeiro GF, sendo confirmada por todos a disponibilidade, tendo tido ainda sim, grande desistência. Foi possível observar que as pessoas que se envolveram nos debates do primeiro GF estiveram presentes no segundo, demonstrando interesse em contribuir na construção do ML do PSE e confirmando a baixa motivação pela proposta pelos demais integrantes.

O segundo GF desse estado teve 4 participantes, ocorreu pela manhã e durou 1 hora e 50 minutos de interação focada no ML, sem tempo gasto inicialmente com apresentações, visto que já haviam sido feitas no primeiro encontro. Diferente do GF anterior deste mesmo grupo, todos os participantes se expressaram de forma igualitária. Ainda, foi possível notar bastante afinidade com o PSE, talvez por terem tido tempo para se apropriarem do que seria discutido. Por esse motivo, as contribuições foram pontuais e de acordo mútuo com complementação pelo grupo, sem expressão de experiências para explicarem as opiniões, sendo mais discutidas questões de execução em si conforme legislação do PSE.

“Agora nos sistemas de informação entraria o SISVAN também ou não? A1, o que que você acha?” A3

“Então eu acho que não precisa, porque ali no sistema de informação a gente já vai ter o e-sus e hoje a gente tá recomendando entrada tanto do estado nutricional, né, via e-sus também. O SISVAN vai ser para geração do relatório, mas eu acho que como a gente tá falando mais do PSE eu acho que não precisa não.” A1

“Tá.” A3

Acerca da formação de alianças com a interação proporcionada pelo GF, continuaram não sendo identificadas falas que demonstrassem essa ocorrência.

5.2.8 Grupo Focal - Estado B

O estado B não apresentou dificuldades quanto sua mobilização inicial para participar do GF, que ocorreu no período da tarde com duração de 3 horas e 10 minutos, contando com 8 integrantes. Houve afinidade logo no começo com a estrutura do ML, provavelmente por terem recebido com antecedência o roteiro explicativo (Anexo 1) e documento do IPEA (CASSIOLATO; GUERESI, 2010), porém houve muitas dúvidas acerca do próprio funcionamento do Programa, demandando do facilitador conhecimento da temática. Algumas dúvidas os próprios colegas participantes tinham a iniciativa de solucionar.

“E aí o que a gente vê, aí minha outra pergunta para você, desculpa tanta pergunta, mas é que esse momento pra mim, tendo você aí né, e algumas outras jovens que poderão me responder, esse recurso ele vem mensal pra saúde?” B2

“O recurso ele não é mensal, ele é anual. De 2017 pra cá ele é anual.” B5

“Então mais que justo que é propor realmente esse aumento do recurso né.” B2

Alguns dos participantes mais ativos estavam com as câmeras ligadas na maior parte do tempo, enquanto outros preferiram participar com as câmeras desligadas e poucos não opinaram em nada durante as discussões, mais especificamente 3. Ressalta-se que muitos relataram trabalhar com o programa a pouco tempo, demonstrado nas falas a seguir, o que pode ter influenciado o não envolvimento de alguns membros (2 dos 3 que não se envolveram relataram isso) e na quantidade de dúvidas sobre o PSE.

“Então assim, o PSE ainda é um pouco novo pra gente né. A gente tá, como a B3 colocou, nós iniciamos ano passado[...].” B1

“[...] Eu entrei agora no PSE, tem pouco tempo, antes da pandemia.” B8

“[...] E aí nós dois iniciando juntos, foi quando começou a pandemia, eu acho que a gente tava com menos de um mês, frente ao programa. E aí parou tudo, começou à distância, então a gente ainda tá se apropriando das coisas do PSE, né?” B6

Ademais, destaca-se que houve muito compartilhamento de experiência local com o programa para explicar alguma opinião e sugestão de alteração no ML a fim de gerar consensos.

“Eu acho que assim, o que acontece aqui. Hoje a maioria das escolas municipais é que estão atendendo os alunos de fundamental um né, principalmente os menores né. E a tendência é cada vez mais né, tudo pro município. Então acho que eles tão dando prioridade a isso, penso eu né. Por isso que não, essas escolas estaduais não estão aderindo né, o estado não está aderindo né, penso que seja por isso. Mas o PSE não prioriza só as crianças em idade menor né, ele atende, tem que atender todos os alunos. Então essa dificuldade que eu também percebo. É, existe algo que não tá bem claro aí, talvez pra secretaria de estado né, da saúde.” B3

“Assim, aqui em [nome de município] mesmo, no início em 2017 nós tivemos problema com a nossa Secretaria de Saúde, com contrapartida com [nome de município], porque ele queria beneficiar as escolas municipais. O que a B4 tá falando isso é muito real, só que aqui pra [nome do município] isso é uma jogada muito política.” B2

“Eu tinha até comentado com a [nome] né, quando eu fui lá em Brasília, que a gestão federal precisaria encaminhar algum documento para os secretários estaduais tanto de saúde como de educação, mostrando a importância do PSE. Que eles deveriam ter uma conversa com os secretários municipais né, falando dessa importância da adesão das escolas estaduais. Mas isso não aconteceu. Então eu penso que na próxima adesão em 2021, antes da adesão do PSE,

que a gestão federal encaminhe um documento para todos os secretários estaduais de saúde e educação, falando da importância do PSE, que os estudantes estaduais precisam ser pactuados também, falando das doze ações, que isso vai trazer um benefício. Não precisa ser uma coisa muito grande. Um documento simples, mas que seja encaminhado diretamente pra eles. Porque eu acredito que muitos nem o que é PSE.” B4

“Exatamente”. B2

“A maioria não sabe né.” B4

“Concordo.” B2

Essas experiências e a própria legislação do PSE foram usadas também para solucionar divergências, sendo os conflitos resolvidos a partir desse diálogo entre os participantes, ilustrado no trecho abaixo.

“Coloca anual, porque é complicado você reunir esse tanto de gente aí.” B4

“Ou bienal né, no fim do ciclo, pra iniciar um outro ciclo né.” B1

“Antes do início da próxima adesão né”. B4

“Eu acho que anual a gente não vai conseguir realizar isso. Então eu acho que bienal fica melhor.” B1

“A B1 comentou aí bienal ok, mas isso no início do ciclo né e não no final?” B2

“Depende né, porque no final a gente tá encerrando um pra iniciar o outro. Já seria com as mudanças, o que se viu durante”. B1

“Porque eu vejo a importância, B1, de que tudo bem, pensando assim sim, pra início de um outro.” B2

“Sim” B1

“Que é importante que eles saibam né, porque infelizmente há secretários que não conhecem nem beira nem eira do PSE.” B2

“É verdade, B2.” B3

“Fica ali relutando e solicitando dele né, então...” B2

“O que eu pensei, B2, é como se fosse uma avaliação daquele ciclo pra iniciar um outro né, e que a gente não cometa os mesmos erros né, no próximo ciclo. Entendeu?” B1

“Tá, beleza.” B2

Foram expressas queixas quanto a gestão atual do Programa a nível federal referentes à articulação junto aos estados e municípios, destacando a necessidade desse suporte para a

implementação local do PSE, conforme recorte de uma fala apresentado abaixo, expressa com bastante insatisfação:

“Bom, pelo menos desde quando eu to no PSE aqui em [nome do estado], esse planejamento vindo do governo federal eu nunca soube. O que vem do governo federal já são as portarias já dizendo o recurso foi pra isso, pra aquilo. Mas esse planejamento entre o GTI-F e o GTI-E e GTI-M eu desde 2013 que to no PSE eu não tenho conhecimento disso [...]. É o que tá preconizado né. Dentro do caderno gestor, dentro dos decretos, das portarias, ta dito que tem que ter essa articulação entre o governo federal e os estados né. Outros documentos contêm isso. Só que ele não existe efetivamente.” B4

Foi percebido que algumas experiências foram compartilhadas fora das discussões em cima do ML, o que demandou tempo tanto no momento de apresentação dos participantes, quanto no encerramento e agradecimentos ao final do encontro, revelando a necessidade do acolhimento de suas falas e de serem ouvidos, demonstrando estarem à vontade e seguros no grupo para isso.

“Quando nós ouvimos né, quando há essa aproximação é importante porque a gente vai tirando as dúvidas né, com vocês e vocês também vão ouvindo as nossas mazelas né, então isso é importante pra nós.” B2

“Então eu achei uma excelente oportunidade né, de a gente falar né, do que nós estamos vivenciando, ter oportunidade né, porque a gente precisa que isso seja escutado e que de repente tenha um modelo que nos atenda.” B1

As falas eram acolhidas pela moderadora e pelos próprios colegas do grupo. A partir disso foi possível observar que o GF propiciou a formação e fortalecimento de alianças, também expressa a partir de algumas falas dos participantes.

“Foi um prazer conhecê-la e ter contato com as colegas. A gente tem tido ao longo das visitas que a gente faz no interior né, a gente conheceu a B2, mas é um trabalho realmente que tem que ser em conjunto.” B1

“Mesmo com todas as dificuldades nós estamos trabalhando e contar em especial, eu fico feliz de estar conhecendo você, vendo aqui a B1, a B4, a B7 e as outras, entre os outros que estão aí” B2

5.2.9 Grupo Focal – Estado C

O terceiro GF não apresentou problemas quanto a mobilização dos parceiros locais, teve 3 horas e 9 minutos de duração, acontecendo a tarde com a presença de 10 pessoas. Muitos participantes, os mais ativos, ficavam com as câmeras ligadas no momento de dar suas opiniões, porém, alguns preferiram não ligar. A maioria dos presentes participaram em algum momento de alguma discussão de determinado tópico, ficando apenas 3 sem opinar.

O grupo apresentou afinidade com o ML e temáticas trabalhadas nele, começando as proposições e debates logo no começo do encontro, onde a primeira sugestão já desencadeou discussão acerca do tópico envolvendo a maior parte dos participantes. Foi possível perceber ainda que houve consensos dentro das proposições e opiniões.

“Eu acho que esses são os sistemas atuais, mas eu senti nessa transição de que a saída do SIMEC de alguma forma foi uma perda pro programa intersetorial, porque...” C3

“Eu concordo, C3.” C4

“Sobrecarrega assim, o programa na saúde e eu acho que deveria haver um formato pra educação também ser responsabilizado do que vista da alimentação.” C3

“Exato. Ficou, mesmo que haja uma ação feita pro pessoal da educação, a responsabilidade total de registro ficou só com a saúde. E assim, o SIMEC ele dava uns dados mais, vamos dizer assim... hoje o e-gestor tá dando até uma ideia melhor sobre os dados, mas foi uma mudança que a gente ficou meio cego. Porque o SIMEC deixou de existir e o SISAB ele não dava com clareza, a gente não tinha como a nível de estado fazer análise como a gente fazia no SIMEC. Hoje melhorou, você tá tendo alguns dados né, preliminares, lá no e-gestor.” C4

No geral houve bastante participação e conflito de ideias demonstrado na narrativa abaixo, porém ao final chegavam a um acordo comum a partir de explicações considerando as experiências e mais fortemente a legislação do programa.

“É que na verdade o ministério nunca vai realizar uma capacitação com todas as equipes de saúde, nem tal. Eu acho que isso é uma ação que não vai existir nunca. Porque nem é atribuição, eu não acho na prática, talvez né, não sei. Eu acho que a função do ministério era subsidiar pra que essa capacitação ocorresse. Como tá aqui em educação permanente já que tem um anterior. Então se puder suprimir, eu voto por supressão desse item aí.” C3

“Eu acho que se a gente coloca, a gente tem a oportunidade de capacitar uma oportunidade, e se a gente não fizer beleza, tava aí a proposta. Entendeste, C3?” C4

“Então assim, na minha opinião, se a gente quer manter, vamos especificar pra os recursos humanos, sei lá, da gestão municipal e estadual, porque aí fica mais palpável.” C3

“Isso, exatamente. Concordo.” C4

“Tipo o RH da gestão estadual e municipal, aí vai todos os gestores do Brasil ser capacitado pelo ministério e os outros vão capacitar as suas equipes.” C3

“Pode ser.” C4

Assim como o estado B, esse GF expressou queixa quanto ao suporte atrelado à *feedbacks* quanto ao que têm executado da gestão federal do PSE aos estados e municípios.

“No ciclo passado. A gente não teve o feedback dos municípios. Tem município que zerou e chegou e disse, não, nós fizemos ação, digitamos ações, mas a gente não recebeu por quê? A gente ficou com essa interrogação até hoje, entendeu? O feedback não foi dado em relação a isso e a gente no estado a gente não tinha como ter essa visibilidade para dar um retorno ao município, teria que ser o ministério.” C4

Ademais, ressalta-se que não ficou claro que houve a formação de alianças pelas falas dos participantes. Ficou claro que já se conheciam, mas que formaram ou fortaleceram alianças no encontro não dá para afirmar.

5.2.10 Grupo Focal - Estado D

O GF D foi realizado pela manhã com duração de 2 horas e 7 minutos, contando com a presença de 7 pessoas sem dificuldades relacionadas à mobilização para participação do encontro. O grupo teve a princípio muitas queixas quanto às dificuldades que possuíam na implementação do programa e acerca da forma como a gestão federal do PSE tratou alguns dados de pesquisas envolvendo o estado e municípios participantes e a falta de suporte a partir disso conforme recorte de fala descrito abaixo.

“Então talvez assim, talvez essa forma que ministério possa agir daqui pra frente que pra cada estado mande só pro seu estado, que aí você realmente não vê o que o outro fez e não se coloca assim poxa, mas é só isso. Daí a gente nesses 20%, 30, 50%, você começa a ratear município e você começa a dizer assim, nossa, desempenho de tal, não sei nem qual foi o desempenho de tal e tal município nesse percentual. Então seria importante que fosse individualizado pra cada estado o seu desempenho, assim como pros municípios quando a gente tenta passar a informação de desempenho de outros programas, de outras ações, que a gente passe só para

ele, então é assim uma coisa individualizada pra que o outro não se olhe também e diga assim, poxa, eu tô mais ou menos e fica aquela coisa tipo pejorativa, não é legal, então foi só nesse sentido. Porque quando a gente soube, quando a gente viu, a gente ficou muito preocupada né.” D7

Tais falas tomaram bastante tempo no momento de apresentação e envio do modelo por e-mail até o início do debate focado no ML, mais especificamente 27 minutos de discurso. voltado a esse assunto. Após acolhidas as falas e o ML disposto na tela receberam com afinidade a forma em que era organizado e a temática.

Cabe ressaltar que em vários momentos houve muito silêncio, onde o moderador lançava questionamentos e o grupo demorava para responder ou não respondiam, tendo que passar para outros tópicos sem obter reação dos profissionais. Esse silêncio é difícil de ser interpretado, podendo estar relacionado a própria dificuldade com a implementação do Programa localmente expressa nas falas iniciais. Com isso, observou-se pouca participação e, conseqüentemente, pouco conflito de ideia e debate, porém ainda existente com compartilhamento de experiência em comum e estabelecimento de consenso, conforme fragmento retirado de um dos momentos de interação do grupo.

“Obrigado não né, seria que o município organizasse e pactuasse isso né, instância deliberativa.” D1

“É, até porque é muito difícil o município ter esses recursos próprios né. Então o município já trabalha com os recursos federais né, e se a gente colocar uma situação como essa, como RP, dificulta. Até porque os municípios são municípios pequenos, sem arrecadação né, igualmente [nome do município] e [nome do município], são municípios de pequeno porte né, e sem pouquíssimas, é o mínimo de arrecadação. Então aí já ficaria difícil entrar essa contrapartida né. Mas assim, nada que não se possa ser discutida né, é uma coisa que pode vir a discutir aí futuramente né.” D5

“Como a D1 falou uma contrapartida do estado, contrapartida é através de recurso, dinheiro? Aí o município de [nome do município] já se manifestou que é difícil o município ter esse recurso pra pactuar qualquer tipo de ação. Então assim, seria importante que o município tivesse um plano de ação pactuado na CIB, que aquilo seria realmente assegurado que o município iria realizar aquelas ações propostas, entendeu? Então a contrapartida seria a efetivação do seu próprio trabalho, do seu próprio desempenho das ações propostas no modelo.” D7

“Eu creio que essa ação não traria o financeiro né, D7? Seria só como o município se organizaria pra cumprir as ações do PSE no seu local, assim.” D1

“É, mais ou menos isso porque já que ela não ia ter uma contrapartida de dinheiro né, mas seria das próprias ações, que fosse assegurado que ela realmente efetivaria as ações propostas, tipo um plano de trabalho.” D7

Foi possível observar que a maioria dos participantes se envolveram nas discussões, ficando 2 sem darem opiniões no decorrer do GF. Salienta-se que uma pessoa tentou diversas vezes contribuir com alguma informação, porém sua conexão com a internet estava inconstante, impedindo os demais de compreenderem as falas. Quanto as câmeras, quem tinha a fala a deixava ligada, porém não durante todo o encontro.

Observou-se a formação de alianças a partir de algumas falas, como a seguinte: *“Obrigada aos colegas do estado, do município de [nome do município], é um prazer falar com vocês, conhecê-los mesmo por essa vídeo né, que agora é o que nos resta.” D5*

5.2.11 Grupo Focal - Estado E

O GF com o estado E contou com presença total de 5 pessoas, aconteceu no período vespertino com duração de 2 horas e 38 minutos. Os pesquisadores não tiveram dificuldades quanto a mobilização dos parceiros locais para participação do GF nesse estado, porém estes pareceram ter encontrado problema para mobilizar os municípios, visto que acabaram tendo que entrar em contato com alguns representantes ainda no início da videoconferência, pois os convidados não estavam entrando na sala no horário pactuado, considerando já uma certa tolerância de atrasos que inevitavelmente podem ocorrer.

Após esse momento, mais 2 integrantes entraram na sala, porém um deles teve que sair mais cedo devido a um compromisso concomitante e outro apresentou dificuldades com a plataforma, onde conseguiu entrar, porém saiu e acabou perdendo boa parte dos debates no ML, conseguindo entrar novamente quase no final do encontro. Estes fatos acabaram demonstrando que houve esquecimento acerca do acontecimento do GF, podendo estar relacionada com falhas na comunicação do parceiro local com os representantes estaduais para explicação do que ocorreria no encontro, quais os objetivos e sua importância. Pode ser ressaltado ainda que esses 2 integrantes não participaram das discussões com seus pontos de vista durante todo o GF.

Destaca-se que os participantes mais ativos no processo ficavam com as câmeras ligadas no momento que tinham a fala, deixando-a desligada em outros momentos. O grupo recebeu a

proposta com facilidade diante da estrutura complexa do ML e as discussões iniciaram desde o começo de sua apresentação na tela, demonstrando ainda bastante conhecimento quanto a temática trabalhada.

Ademais, a participação do grupo E foi marcada por muita discussão demonstrando engajamento do grupo, em que a fala de um participante fortalecia a de outro ou ajudava a desencadear outras ideias, melhorando as sugestões de escrita com argumentos diferentes baseados nas vivências e mais fortemente nas legislações referentes ao PSE, chegando a consensos como no excerto seguinte, dessa forma não foi observado que houve divergências.

“É, mais ou menos, porque existe portaria interministerial como a do Bolsa Família né, que envolve assistência social, saúde e educação. O PSE também é interministerial já que é saúde e educação. A gente iria pras três pernas da mesma forma quando a gente fala da constituição brasileira, que só pode ter uma boa caminhada com saúde, educação e assistência.” E1

“Eu entendo o que o E1 tá colocando, porque na prática acontece, né? A gente vê muito como protagonista de ações a assistência social né, então são parceiros bem importantes, né? E aqui no caso de [nome do município] bem atuantes também no PSE. Eu acho que nada mais coerente do que a gente legitimar isso né, por meio de portaria sim.” E2

Foi possível perceber que algumas pessoas já se conheciam e que havia entre eles um respeito e admiração mútua do trabalho, o que pode ter favorecido as discussões apesar de poucos conflitos terem sido observados, e o GF proporcionado além do fortalecimento de alianças, também a formação de novas dos que não se conheciam antes do encontro, como pode ser demonstrado com a fala abaixo:

“E eu queria aproveitar a oportunidade e agradecer o E1 sempre tão suave também com a gente, tão acolhedora assim que dar esse respaldo para os gestores aqui do [nome do estado]. Não tem dia nem noite pra ele pra nos atender. [...] E3, vamos nos conhecer.” E2

Cabe ressaltar que demonstraram em alguns momentos certo receio em que o PSE viesse a deixar de existir, diante do contexto de seguidas alterações de coordenação do programa à nível federal ocasionando falta de referência para suporte aos estados e municípios.

“Exatamente, a gente tem que torcer que ele ainda exista né. [...] Porque a coordenação dele já foi pro espaço. Não existe. Mas vamos lá. [...] Até hoje a gente não tem referência de coordenação.” E1

5.2.12 Grupo Focal – Estado F

Os pesquisadores tiveram dificuldades iniciais com o estado F quanto a mobilização dos parceiros estaduais para acontecimento do encontro, com eles demonstrando pouca motivação para participação devido ao contexto de incertezas junto a gestão federal do Programa e até da pandemia existente que demandou a reorganização dos serviços e consequentemente aumento da demanda de videoconferências (alta carga de trabalho). Após vencer essa etapa de convite e sensibilização foi agendado de forma pactuada o GF, que ocorreu no período da tarde com a presença de 15 pessoas, tendo duração total de 2 horas e 55 minutos.

O GF F teve então muitos participantes, sendo as discussões focadas em poucos, tendo a não participação de vários integrantes durante todo o encontro. Tiveram, especificamente, 4 participantes mais ativos nas discussões, 4 não tiveram nenhuma fala e os demais contribuições pontuais sem envolvimento em debates. O microfone e câmera foram abertos por poucos e apenas no momento da apresentação no início do GF e no final no encerramento e agradecimentos. Os que se envolveram compreenderam bem a proposta e o ML apresentado, demonstrando familiaridade com os temas e fazendo propostas desde o começo da apresentação.

As discussões e contribuições aconteceram pelo *chat* de forma curta e pontual, dificultando a percepção de expressões como tons de voz e até mesmo a instalação de debates, possibilitando possivelmente uma maior dispersão do grupo. Ressalta-se ainda que alguns participantes saíram no decorrer do GF, demonstrando pouca motivação e envolvimento com a proposta.

Contudo, houve consensos, conflitos formados e experiências compartilhadas mesmo através do *chat*, porém de forma muito superficial, demandando do facilitador habilidade para chegar a um entendimento comum, trazendo solução para as divergências instaladas.

“na ficha de atividade coletiva podemos escolher saúde ou educação na nova ficha” F10 (chat)

“Quem registra é saúde.. mesmo feito em parceria educação” F9 (chat)

“sim mas a educação também pode fazer a ficha da nova versão do esus” F10 (chat)

“precisa ter acesso ao e-sus, e educação não tem acesso. Eles preenchem e nós digitamos” F9 (chat)

“olhem a ficha da versão 3.0 do esus” F10 (chat)

Ao final levantaram o questionamento sobre ações que os colegas estavam conseguindo desenvolver na pandemia, ou seja, aproveitaram o GF também como momento de compartilhamento de novas ideias para serem desenvolvidas diante do novo cenário e das dificuldades existentes. Com isso, notou-se que alianças foram formadas, pois promoveu contato fora do GF para compartilhamento das ações.

“consegue compartilhar pelo whats”. F9 (chat)

“Posso encaminhar, ou posso encaminhar por e-mail.” F3

Como dito, não houve muita interação, mas no final expressaram que gostaram da proposta e do momento de discussão.

“grande abraço a todos foi muito bom!” F10 (chat)

“agradeço a oportunidade de aprendizado nessa tarde e parabenizar a excelente proposta” F7 (chat)

Cabe destacar que alguns relataram no final não ter muita experiência ainda com o PSE e justificaram que não participaram muito por isso, mas que consideraram o momento de muito aprendizado, conforme fala apresentada no recorte abaixo:

“Muito obrigado pelas instruções, a gente caiu meio que de paraquedas, o nosso município aderiu ao PSE na prorrogação, foi nos últimos minutos do segundo tempo, que a gente não ia aderir, daí depois foi aderido né. Então a gente tá bem por fora das coisas, mas tamos tentando se integrar do assunto. Então foi muito produtivo, a gente tá, por isso não participamos muito.”
F2

5.2.13 Grupo Focal – Estado G

Os parceiros locais do estado G apresentaram durante o contato convite para agendamento uma certa dificuldade com relação a definição de data para ocorrer o GF, devido a demanda de trabalho alterada com o cenário pandêmico. Vencida essa resistência inicial, a mobilização foi satisfatória por ter presença de 10 pessoas engajadas no processo de construção

do ML do PSE no GF, que aconteceu no período vespertino com duração de 4 horas e 15 minutos.

No início desse GF houve resistência por parte de um participante por se tratar de uma pesquisa, justificando que estava com alta carga de trabalho e não poderia perder esse tempo com essa atividade, relatando que achava que seria uma nova informação sobre o Programa vinda do Ministério da Saúde. Destaca-se que não pareceu falta de informação sobre os objetivos do encontro por parte dos parceiros locais aos municípios, que tentaram esclarecer ao participante nesse momento, e sim confusão de informações. A discussão em torno dessa questão demandou 9 minutos do tempo de leitura e aceite do TCLE. O participante citado ficou com uma postura bem defensiva em todas as suas falas, porém o grupo debatia com acolhimento e respeito. Este acabou não ficando até o final, dizendo que tinha outra reunião agendada.

De forma geral todos contribuíram com suas opiniões, destacando o engajamento do grupo, havendo muito debate no decorrer do encontro, com concordâncias e discordâncias, sendo as discussões seguindo de forma colaborativa. Dessa forma, eram feitas considerações embasadas em suas experiências locais e PSE para justificar e explicar as pontuações no ML, onde cada participante ia dando sua contribuição para melhorar a sugestão de escrita e as vezes acionando um mais experiente no assunto para contextualizar melhor o tema. Para ilustrar, segue abaixo um trecho de um dos momentos de discussão.

“Gente, eu insisto, não é viável as escolas se responsabilizarem pela inserção de dados, eu estou dizendo com todas as escolas do município de [nome do município], porquê das escolas municipais obviamente, eu insisto nisso, nós já conversamos, o GTI já conversou sobre isso. Não será viável.” G6

“G6, aqui a gente tá falando de nível de acesso de informação. Ela não tá colocando como inserção de dados. Vocês poderem acessar os dados de informação, pra visualizar o que está sendo feito na escola, determinada escola, determinado território dentro do seu município.”

G1

“Eu entendi isso, G2.” G6

“É G1 que tá falando.” G1

“Ah, perdão G1. Eu entendi isso, a minha preocupação é a partir do momento em que as escolas têm acesso a essas informações pra que se solicite que as escolas também façam a inserção de dados eu penso que é um passo. Então eu vejo isso com muita cautela.” G6

“Eu vou falar uma coisa, a gente tem que ter em conta que é um programa intersetorial e é corresponsabilização. A criança ela circula o território e essa criança é responsabilidade,

saúde, educação, assistência de todo mundo. Então assim, eu acho que a partir do momento que você tem um programa intersetorial, todo mundo tem que se responsabilizar perante a ele, ninguém tem profissionais suficiente, a saúde muito pelo contrário, ela tem escassez em todo território nacional de profissional e a gente precisa trabalhar com isso.” G1

“Ok, G1. O que eu quero colocar e eu insisto é o seguinte, a questão das competências, vamos colocar assim né, das atribuições do que é função de uma área e função de outra. Eu entendo que é sim um programa muito importante, em momento nenhum as escolas se negam a fazer ou não entendem ou enfim. A importância deste programa na escola ela é indiscutível, a participação, envolvimento das escolas que aderiram ao programa e isso é indiscutível, né? Eu só me preocupo com isso. Qual é a função da escola? É desenvolver o programa, ok, isso com certeza é feito da melhor forma possível.” G6

“Eu posso falar rapidinho? Eu acho que juntando as duas ideias, né? Tanto da G1 quanto da G6, fica nítido que se a gente tiver um bom fluxo desenhado, não há, não vai ocorrer locais sobrecarregados, do jeito que tá nós estamos literalmente no escuro.” G3

“Perfeita colocação da G3” G2 (chat)

Assim como outros GFs já realizados com outros estados, esse também apresentou insatisfação quanto à comunicação com a gestão federal do PSE diante de suas alterações frequentes que estavam acontecendo, como na fala apresentada a seguir:

“Na verdade, não tem um fluxo de comunicação na própria gestão do ministério, a gente tinha o nome de uma outra pessoa que era o nome que o ministério tinha, mas como o pessoal do PSE a muito tempo não entrava em contato com essa pessoa da educação a pessoa não estava mais, depois da reunião que a gente.” G1

O GF apresentou uma duração bastante extensa, porém só foi finalizado devido ao horário de encerramento de expediente dos profissionais, pois ainda apresentavam engajamento nas discussões. “[...] Agradeço a participação de todos, foi assim, acho que a discussão foi ótima, se a gente deixar a gente fica aqui discutindo mais algum tempo até.” G1. Contudo, conseguiu-se perpassar por todos os componentes do ML.

Com o exposto e a partir de algumas falas finais foi possível observar a formação e fortalecimento de alianças com a interação proporcionada pelo GF *on-line*:

“[...] Enfim, agradecer a oportunidade, foi muito bom estar com vocês hoje e eu acho que deveriam ter mais iniciativas como essa assim, pra integrar, pra conhecer. Não conhecia a G10, não conhecia o G4, a G5, o G9, então foi uma oportunidade muito bacana nesse sentido também.” G2

5.2.14 Finalização dos encontros dos Grupos Focais *on-line*

A etapa de agradecimento ao final dos encontros demonstrou em geral a satisfação dos participantes por terem participado do momento de discussão proporcionado pelo GF *on-line*, tanto pelo aprendizado que muitos obtiveram, quanto pela oportunidade de falar, de serem escutados e de contribuir de alguma forma na construção do ML do PSE a nível federal.

“Foi até bom pra gente também, organizar algumas coisas na cabeça.” A3

“Então isso que é o importante e fico muito feliz né, de essa tarde ter colaborado e ter contribuído e a gente ter trocado na verdade né, porque a gente tá aqui aprendendo.” B1

“Foi muito proveitoso né e a gente ajudar de alguma forma na construção desse modelo, esperamos que a gente consiga efetivar e vamos aguardar os próximos passos e assim, eu sinto muito agradecida né, desse dia proveitoso né e estamos aqui pra contribuir.” D7

“A gente que agradece essa oportunidade né, de a gente poder pensar e contribuir, porque sempre tem algumas arestas que a gente vê no programa assim que, ah isso poderia qualificar nisso, melhorar naquilo né.” E2

“Então assim, a gente só tem a agradecer por poder contribuir também, porque o resultado de todo esse projeto né, de todo esse trabalho, parcela mínima da nossa contribuição vai surtir efeito nas ações lá na ponta né...vocês conduziram com maestria todo esse trabalho e eu que agradeço por poder contribuir.” E3

“agradeço a oportunidade de aprendizado nessa tarde e parabenizar a excelente proposta.” F7 (chat)

Foi levantada ainda a importância do momento para integração da própria equipe do programa nos estados e seus municípios participantes, notando-se que, pelo fato de estarem em locais geograficamente distantes, muitos não se conheciam ou não tinham momentos de interação.

“Obrigada aos colegas do estado, do município de [...], é um prazer falar com vocês, conhecê-los mesmo por essa vídeo né, que agora é o que nos resta.” D5

“E3, vamos nos conhecer.” E2

“Enfim, agradecer a oportunidade, foi muito bom estar com vocês hoje e eu acho que deveriam ter mais iniciativas como essa assim, pra integrar, pra conhecer. Não conhecia a G10, não conhecia o G4, a G5, o G9, então foi uma oportunidade muito bacana nesse sentido também.”
G2

Dessa forma, o GF realizado de forma virtual pôde proporcionar a partir da interação, além do cumprimento dos objetivos de construção do ML do PSE, a troca entre os profissionais, o estreitamento de vínculos e fortalecimento de alianças. Nesse sentido, várias vantagens com o uso da técnica puderam ser levantadas, assim como algumas limitações para outros pesquisadores terem conhecimento e planejarem alternativas para minimizá-las em suas pesquisas, destacadas no tópico seguinte.

5.3 Aspectos positivos e negativos do uso da técnica de Grupo Focal *on-line* na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola

O uso da técnica de GF *on-line* demonstrou ser efetiva para a elaboração do ML do PSE e permitir interação dos participantes, porém faz-se importante compilar os pontos positivos e negativos que foram encontrados na execução do grupo nesse formato, para prever e minimizar limitações em outras pesquisas, com destaque para a importância de se ter uma equipe hábil para condução e solução de imprevistos (Quadro 5).

Quadro 5 – Aspectos positivos e negativos do uso da técnica de Grupo Focal *on-line* na elaboração do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola, 2021.

Positivos	Negativos
Possibilidade de participação de pessoas em locais geograficamente distantes	Limitação na análise de expressões não verbais
Baixo custo	Organização dos participantes em círculo
Facilidade de organização de espaço físico e equipamentos	Fácil dispersão
Controle da entrada de participantes	Execução de atividades paralelas
Boa adesão (nº de participantes)	Falha de conexão com a internet
Uso do <i>chat</i>	Dificuldade no uso da tecnologia
Possibilidade de deixar a câmera desligada	Uso do <i>chat</i>
Possibilidade de acesso pelo celular	Possibilidade de deixar a câmera desligada
Equipe pesquisadora hábil	Tempo decorrido para explicação do roteiro (ML)
Espaço de fala e acolhimento frente ao momento político e pandêmico (distanciamento)	Dependência de parceiros locais para convite e mobilização

Fonte: Elaboração própria.

A possibilidade de participação de pessoas em locais geograficamente distantes pode ter favorecido a boa adesão à atividade, visto que os GFs tiveram quantidade de participante considerável para execução da prática. Além disso, pode ser citado também o baixo custo e facilidade de organização quanto a passagem, transporte, alimentação, equipamentos e espaço físico.

O controle da entrada de participantes foi considerado como fortaleza do uso da técnica por não permitir que pessoas não autorizadas entrassem na sala virtual. Outro ponto importante está relacionado a possibilidade de acesso ao GF pelo celular, permitindo que o participante participasse de qualquer lugar e que pessoas que não possuem computador também estivessem presentes.

Como pontos negativos destaca-se a limitação da análise de expressões não verbais por não permitir a visualização de todos ao mesmo tempo na tela, pela baixa qualidade da imagem de alguns participantes e por não conseguir a pessoa de corpo inteiro, apenas o rosto. Cabe destacar ainda a impossibilidade da organização dos participantes em círculo de forma que todos se vejam e possibilite a escolha e formação de seus pares. Além disso, foi observada a execução de atividades paralelas e a fácil dispersão favorecida pelo longo tempo perdido em momentos de falha de conexão da internet e dificuldades com o uso da tecnologia.

Ainda sobre o tempo decorrido, destaca-se a parada para esclarecimento das etapas de construção do ML do PSE, necessário para entendimento da própria estrutura, que também demandou tempo para sua explicação e envio do ML, utilizado como roteiro/guia, no e-mail dos participantes no momento do GF para melhor visualização dos componentes, diante da especificidade de sua estrutura rica em detalhes. Com isso, cabe destacar a necessidade da realização de GF piloto para avaliar a melhor forma de condução para cada formato de roteiro.

Quanto ao caminho metodológico que pode ter fragilizado o andamento da pesquisa destaca-se o convite centrado em parceiros locais que ficaram responsáveis por mobilizar os municípios e explicarem a proposta de ação, o que foi possível notar que não fora feito em alguns casos em que os participantes notadamente não estavam esclarecidos quanto aos objetivos do GF. Porém, quando solicitados para participarem no início do GF todos responderam prontamente.

O uso do *chat* foi considerado como ponto positivo e limitação, visto que ao mesmo tempo que possibilitou a participação de pessoas com dificuldade de microfone, mais tímidas e para o compartilhamento de informações, fez com que as contribuições fossem curtas, pontuais e pouco explicativas. Da mesma forma para a possibilidade de deixar a câmera desligada, pois pôde contribuir tanto para a não participação e envolvimento com atividades paralelas, quanto

para a expressão de queixas por se sentirem mais confortáveis aos exporem suas opiniões. Os pontos negativos envolvendo esses instrumentos poderiam ter sido solucionados com a pactuação de regras iniciais quanto à sua utilização durante o GF.

Ainda no sentido de o GF *on-line* ter proporcionado um ambiente confortável para a expressão de insatisfações ou compartilhamento de experiências, os participantes demonstraram dessa forma a necessidade de falar e de suas falas serem ouvidas e acolhidas, frente tanto à pandemia enfrentada que levou ao distanciamento e isolamento dos profissionais, quanto ao momento político de incertezas na gestão federal do Programa levando-a ao afastamento de suporte para equipes locais do PSE.

Em síntese, mesmo observando limitações no uso de GF *on-line* no desenvolvimento, interação grupal e para realização das análises, foi possível notar que possibilitou uma interação significativa na maioria dos GFs realizados com troca de saberes, experiências e sentimentos, a partir de engajamento nas discussões coletivas levando a aprofundamento na temática e contribuição efetiva e importante para a elaboração do ML do PSE, mesmo acontecendo de forma virtual.

6 DISCUSSÃO

O século XXI, ocupado pela tecnologia e a internet, exige uma mudança no modo de vida da população, inclusive gerando novas formas no mundo do trabalho e pesquisa (MENDES, 2009). No ano de 2020, reuniões e coleta de dados de pesquisa em formato *on-line*, aumentou consideravelmente. As restrições de isolamento social ocasionadas pela pandemia da COVID-19 fizeram com que o uso de plataformas virtuais tenha sido ainda mais utilizado para coleta de dados, tanto em pesquisas quantitativas quanto qualitativas. Com esse formato foi possível dar continuidade aos estudos em meio à um cenário em que a presença física se encontrava limitada, sem prejuízo na qualidade das informações coletadas e sendo executados com todo rigor ético, garantindo sobretudo o sigilo dos participantes (RODRÍGUEZ et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020).

O primeiro GF realizado nesta pesquisa precisou de um segundo encontro, pois as discussões não foram esgotadas sobre todos os componentes do ML pela complexidade da natureza do programa expressa no esquema visual do modelo (MEDINA et al., 2005). O estranhamento inicial foi superado com o envio prévio do roteiro explicativo sobre a metodologia de construção do ML que estava sendo executada e o que seria trabalhado no GF, destacando a importância dessa informação para o desenvolvimento do grupo.

A execução de uma segunda sessão pode levar a desistência de alguns participantes, o que ocorreu no presente estudo mesmo sendo acordados previamente a nova data e horário, sendo essa uma questão a ser considerada ao se pensar a realização de vários encontros com um mesmo grupo de pessoas (SOUZA, 2020). Além disso, no caso de elaboração de ML, apesar do tempo dispendido que será discutido nesse tópico posteriormente, pareceu ser mais relevante haver apenas um encontro, pois notou-se que em um segundo após primeiro contato com o modelo os integrantes acabaram fazendo colocações muito pontuais, desfavorecendo o acontecimento de interações com compartilhamento de experiências, propósito comum no uso de GFs segundo Stevens (1996).

Além da dificuldade inicial dos próprios participantes, foi o primeiro GF no formato *on-line* conduzido pelos pesquisadores, sendo preciso rever a metodologia preliminar e realizar algumas modificações para os demais GFs que seriam executados, ficando o primeiro grupo caracterizado como um piloto. A importância de um GF teste é destacada por Sakamoto (2018) para que ajustes sejam feitos caso necessário. Além disso, sabe-se que com o passar dos grupos a prática dos condutores aumenta e os imprevistos acabam sendo superados de forma mais tranquila (LEITÃO, 2003).

Trad (2009) coloca que as coordenações locais são extremamente importantes para a identificação de possíveis participantes em potencial, sendo essa a estratégia adotada no presente estudo. Ainda assim, houve dificuldade na mobilização das pessoas, provavelmente devido à alta carga de videoconferências que estavam ocorrendo devido a pandemia, relutando em adicionar mais uma às suas agendas, fato também destacado na pesquisa de Williams e colaboradores (2020).

Foi observada ainda a insatisfação dos participantes quanto à atual gestão do Programa à nível federal, sendo destacada na maioria dos grupos devido à constantes alterações de referências e falta de suporte aos estados e municípios, o que pode também estar relacionado a dificuldades na sensibilização dos convidados, visto que a construção do ML do PSE partiu de um pedido do Ministério da Saúde. Santaella (2001) destaca que ruídos psicológicos relacionados a ideias preconcebidas podem afetar as trocas comunicacionais, além de se considerar o contexto das mensagens, como o histórico e político.

Quanto a isso, destaca-se ainda a necessidade de deixar claro os objetivos do GF e como ele será desenvolvido durante o convite a esses parceiros e enfatizar a importância desse esclarecimento também aos demais convidados, municipais no caso desse estudo (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009). Dessa forma, o tempo dispendido durante o GF com explicações pode ser reduzido e, acima de tudo, para que todos estejam com a mesma expectativa e objetivos, levando a maior interação por proporcionar mais engajamento, motivação e envolvimento no processo de comunicação (SOUSA, 2006).

No geral, mesmo com a fragilidade na mobilização, houve bom número de participantes, podendo ter ocorrido devido a estratégia de deixar em aberto a quantidade de pessoas para convite pelos parceiros locais, pelo e-mail enviado no dia anterior para lembrar sobre o encontro e pela facilidade de acesso não precisando se deslocar para participar. Além disso, destaca-se a importância de o convite de sensibilização acontecer também via ligação telefônica favorecendo a aproximação do pesquisador com o pesquisado (KRUEGER, 2002; SOUZA, 2020).

Entretanto, percebeu-se que em um dos grupos houve uma quantidade de participantes acima do recomendado pela literatura (SOUZA, 2020), podendo ter acontecido por não ter havido limitação do número de convidados, prevendo uma baixa adesão. Com efeito, o fato levou a não participação de muitas pessoas e uma dificuldade na condução do grupo para que se posicionassem e colocassem suas ideias. Trad (2009) confirma esse resultado, afirmando que grupos muito grandes prejudica a participação efetiva e interação de todos os integrantes e a condução das discussões, além de interferir na duração do encontro. O presente estudo

demonstrou que a quantidade de participantes não interferiu na duração dos GFs, sendo o prolongamento do tempo ocasionado por outros fatores apresentados no decorrer dessa discussão.

Apesar desse fato observado no estudo e confirmado pela literatura, foi percebido na pesquisa que mesmo GFs com quantidade de membros dentro do indicado tiveram pessoas que não participaram das discussões e não deram suas opiniões sobre os temas elencados, podendo ser justificado pela possibilidade de permanecerem com a câmera e microfones desligados (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009). Entretanto, independente no número de participantes, quanto se trata de grupo, sempre terão os que preferem não se envolver e os mais ativos, sendo o grau de envolvimento dos membros desigual (SOUSA, 2006). O fato pode depender ainda de vários fatores, como objetivos, expectativa, familiaridade com a temática e contexto (situacionais, históricos, culturais, ideológicos, políticos) (SANTAELLA, 2001).

Ainda sobre a possibilidade de não ligar a câmera, isso pode fazer com que o participante se esconda e não participe ou que se expresse muito pela sensação de anonimato e redução de fatores inibidores como modo de vestir, falar ou se expressar, o que pode ter favorecido o não acontecimento de disputa de poder nos GFs realizados *on-line*. O fato pode limitar ainda a análise de expressões não verbais e disposição dos participantes para organização de um círculo, que também ficam prejudicadas pelo pesquisador não conseguir visualizar a pessoa ou todos ao mesmo tempo, além de dificultar o entendimento dos momentos de silêncio que podem estar atrelados a atividades paralelas. Cabe ressaltar ainda a limitação da câmera evidenciar, na maioria dos casos, apenas no rosto e parte do troco do indivíduo, sendo apenas garantido que se identifique entonação de voz (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009; SCHRÖEDER; KLERING, 2009; SALVADOR et al., 2020). Porém, cabe destacar que no formato presencial quando feita filmagem também existe essa restrição, visto que o posicionamento da câmera não prevê o que focar durante os debates (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017).

A análise do tom de voz pode ficar prejudicada com o uso do *chat*. Além disso, a pouca profundidade das respostas e a dificuldade na interpretação das falas são limitantes no uso dessa ferramenta, “pois além da ausência de contato corporal e visual que manteriam a atenção, o exercício da digitação concomitante e não linear, torna difícil a compreensão da evolução da discussão” (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009, p. 17). No entanto, a plataforma que permite o uso simultâneo de *chat* favorece a participação de pessoas mais tímidas, com problemas com microfone e para compartilhamento de informações, observado nesse estudo (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009; SALVADOR et al., 2020).

Considerando os benefícios e os empasses evidenciados na pesquisa quanto ao uso de câmera e *chat* durante o GF no formato *on-line* a fim de minimizá-los, o pesquisador pode propor em uma pactuação inicial permanecer com a câmera ligada e estabelecer restrições para a interação pelo *chat*. Diante da técnica ser uma estratégia de coleta de dados qualitativos que visa compreender a subjetividade das relações, destaca-se a importância do estabelecimento dessas regras iniciais (KRUEGER, 2002; MINAYO, 2012).

O controle do espaço físico pelo pesquisador foi escolhido em função da plataforma virtual institucional, simples de ser utilizada, gratuita e com ferramentas que auxiliariam no cumprimento dos objetivos da atividade, porém não foi possível controlar ruídos e atividades paralelas dos participantes (SCHRÖEDER; KLERING, 2009). Os momentos de silêncio no GF *on-line* são difíceis de serem interpretados, sendo um desafio a mais para quem conduz o grupo, devendo o moderador estar atento a essas ocasiões para estimular a participação de todos durante as discussões e debates, sabendo que ainda assim pode não haver retorno de alguns participantes que porventura estejam fazendo outra atividade simultaneamente (SCHRÖEDER; KLERING, 2009; SALVADOR et al., 2020).

O controle da atenção dos integrantes não é possível de ser feito como no GF presencial, podendo haver outras tarefas enquanto outro participante tem a fala, como atender um telefonema (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009). As atividades paralelas podem ser solucionadas também com um acordo prévio entre os pesquisadores e participantes (KRUEGER, 2002).

Ainda quanto ao espaço físico, destaca-se o baixo custo para execução do GF *on-line*, pois não é preciso ter gastos com passagens, transporte, alimentação ou equipamentos. Além disso, a possibilidade de participação em locais geograficamente distintos favorece a participação. Estas são vantagens também destacadas por outros pesquisadores como principais no uso da técnica de GF *on-line* (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009; SCHRÖEDER; KLERING, 2009; SALVADOR et al., 2020; WILLIAMS et al., 2020).

A ampla cobertura geográfica pode ter favorecido a seleção dos participantes quanto a homogeneidade de todos atuarem no PSE e heterogeneidade das funções executadas e participação intersetorial, o que auxilia na interação e nas discussões pelas diferentes experiências e conhecimento do programa (SOUZA, 2020).

O uso de ambientes virtuais possui limitantes como a possibilidade de falha de conexão da internet que acaba dispendendo muito tempo na duração do GF, visto que depende do local onde o indivíduo se encontra e de acesso à uma rede estável, onde o moderador não tem controle sobre essa situação. Porém, os grupos presenciais também podem ter limitadores, como falta de

energia, problema com equipamento e cancelamento de voo, por exemplo (SCHRÖEDER; KLERING, 2009). Além da conectividade, destaca-se a dificuldade que muitas pessoas possuem quanto ao manuseio das tecnologias, sendo essa falta de habilidade também destacada por Mendes (2009), devendo ser considerada ao se pensar o uso de GF *on-line* por poder causar exclusões.

A duração de GF no formato remoto não tem consenso na literatura, variando em geral de 1 a 2 horas, sendo que acima disso os participantes tendem a se desgastarem quanto a emitirem e ouvirem opiniões. Contudo, estudos destacam que o tempo pode variar de acordo com a proposta da pesquisa, familiaridade dos membros com o processo *on-line* e temática, quantidade de questões e de participantes (ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009; SCHRÖEDER; KLERING, 2009). Schröder e Klering (2009) apontam que experiências com GFs de 8 pessoas para durar até uma hora não se deve formular mais que 10 perguntas. No entanto, no caso de o roteiro ser o próprio ML não se tem controle da quantidade de questões, podendo o tempo se estender dependendo do engajamento do grupo nas discussões em cada componente.

O tempo total dispendido no presente estudo foi acima das recomendações, sendo gasto muito tempo com explicações acerca do ML devido à complexidade de sua estrutura. Entretanto, considerando apenas as discussões focadas no modelo a duração estaria em sua maioria dentro do preconizado. Foi possível então observar que, no caso do uso de GF *on-line* para construção de ML, a duração estendida se deu muito pela especificidade do ML, não descartando a questão do tempo dispendido devido a problemas relacionados à internet e ao uso da tecnologia, além do momento político e de saúde, onde os participantes pareceram utilizar o espaço proporcionado pelo GF como oportunidade de falar e ser ouvido, expressando suas queixas e expondo seu trabalho buscando reconhecimento.

Os temas emergentes entre os GFs realizados são importantes para construção do ML, porém o GF busca a pluralidade de ideias (GUI, 2003), sendo essenciais as considerações divergentes, considerando a natureza descentralizada do programa com sua implementação feita de forma distinta conforme as características locais (MEDINA et al., 2005).

Ademais, destaca-se que, considerando o objetivo principal do uso do GF que é a construção de conhecimento coletivo a partir da interação, de forma geral o GF *on-line* possibilitou a interação do grupo, com discussões, debates, conflitos e consensos estabelecidos, destacando que o formato síncrono com videoconferências favoreceu a participação espontânea e se assemelha mais à metodologia presencial (SCHRÖEDER; KLERING, 2009; SOUZA, 2020). Stevens (1996) traz como limitação do uso da técnica a disputa de poder e a presença de

membros mais articulados que podem ter fala dominante, inibindo a participação dos mais tímidos, porém isso não foi majoritariamente identificado nos GFs realizados.

Assim sendo, o GF *on-line* proporcionou um meio de integração entre os profissionais, troca de experiência, oportunidade de compartilhamento e interpretação de dificuldades e desafios enfrentados na prática com o Programa e, conseqüentemente, aprofundamento acerca do PSE a partir da problematização dos tópicos trabalhados, observações também feitas por Stevens (1996) em seu estudo. Os resultados apresentados referentes à essa interação são de suma importância para o pesquisador responsável pela elaboração do ML do PSE, para compreender de forma efetiva a perspectiva do grupo quanto ao Programa a partir da vivência compartilhada dos profissionais.

Com relação as limitações encontradas com o uso da técnica no formato *on-line*, em síntese, relacionam-se às dificuldades iniciais de mobilização, que vão para além da governabilidade dos pesquisadores por envolver momento político e de saúde atual; ao uso da câmera, *chat* e realização de atividades paralelas, que podem ser minimizados com a pactuação de regras iniciais; à estabilidade da internet, ponto também fora domínio dos pesquisadores; e por último a questão da longa duração dos GFs.

A duração dos GFs no presente estudo, como explicitado anteriormente, não pareceu ter relação com o número de participantes, apesar da literatura trazer que pode ter associação, mas sim com questões inerentes à tecnologia, roteiro (ML) e contexto político. Nesse caso, o estabelecimento, durante o planejamento do GF *on-line*, de um roteiro com quantidades definidas de questões dentro de um número específico de participantes pode minimizar durações excessivas de encontros e conseqüentemente exaustão dos envolvidos (SCHRÖEDER; KLERING, 2009).

Ainda sobre a duração, no caso de construção de ML, mesmo nesse estudo ter sido longa com relação à recomendação da literatura, não pareceu ser ideal ocorrerem 2 encontros com o mesmo grupo, pela redução observada na interação após primeiro contato com o modelo. Além disso, pensando em planejar o roteiro conforme o tempo estabelecido e a alta probabilidade de desistência, supõe-se que não seria necessário um segundo encontro, apenas se as discussões não foram esgotadas num primeiro e que haja outras temáticas a serem trabalhadas com o mesmo grupo, não tendo consenso na literatura sobre isso (SOUZA, 2020).

Destaca-se a limitação de estudos que avaliaram o uso da técnica de GF considerando a interação, sendo utilizado pela maioria análise de conteúdo ou de discurso, que acabam valorizando os conteúdos em si os codificando (COSTA, 2012). Além disso, há limitações de

estudos que analisaram a técnica para construção de ML de programas, devido a sua escassez na literatura científica.

Diante de todos os aspectos abordados, ressalta-se a importância de um moderador hábil em condução de GF *on-line* e conhecedor do tema para que possa lidar com situação adversas de interação e da tecnologia em si. Além disso, faz-se fundamental a presença de um co-facilitador e observador para apoio, assim como o recomendado para os GF tradicionais, considerando as especificidades da técnica *on-line* e as intercorrências que podem acontecer pelo uso do ambiente virtual (KRUEGER, 2002; ABREU; BALDANZA; GONDIM, 2009).

6.1 Recomendações para uso da técnica de Grupo Focal *on-line*

O Quadro 6 traz algumas recomendações para o uso da técnica de GF no formato *on-line*, considerando o compilado de recomendações da literatura existente feito pelo autor abordado no tópico 2 desse trabalho e a experiência com o uso da metodologia com os aspectos positivos e as limitações observadas e descritas no decorrer da pesquisa a fim de auxiliar outros pesquisadores que visam utilizar a técnica em seus estudos. Cabe aos pesquisadores verificar a saturação dos seus dados para definir realizar um ou mais GFs com o mesmo público, sendo aqui descritas recomendações para o planejamento de um único encontro. Ressalta-se ainda a relevância de se fazer um GF *on-line* teste ou piloto com o intuito de realizar ajustes na metodologia caso seja necessário, utilizando as recomendações sugeridas nesse estudo.

Com relação a seleção e mobilização dos participantes é de suma importância levar em conta a homogeneidade, considerando que todos atuem com o mesmo programa ou temática a ser trabalhada, tendo desse modo conhecimento sobre o que será tratado e condição de participar de discussões. Além disso, com a finalidade de atingir o foco do GF que é a interação que permite a troca de experiências, a heterogeneidade também precisa ser considerada, selecionando pessoas com funções e setores diferentes.

Considerar um contato inicial com parceiros locais para levantamento dos participantes em potencial é uma estratégia significativa, devendo deixar claro a eles acerca dos objetivos do GF e sua importância durante o convite e enfatizar a necessidade desse esclarecimento também aos demais convidados para alinhamento de expectativa e objetivos com o encontro, levando a um maior engajamento, motivação e envolvimento nas discussões.

O convite feito via e-mail e telefone aproxima o pesquisador do sujeito participante da pesquisa, favorecendo a formação de vínculo e levando a maior adesão a proposta. Faz-se necessário reforçar a importância da entrada na sala da plataforma virtual com antecedência de pelo menos 10 minutos, para familiarização com a ferramenta e diante das intercorrências que

pode haver devido ao uso da tecnologia. A duração aqui sugerida é que o GF aconteça em 90 minutos, considerando as recomendações abaixo quanto ao roteiro e número de participantes.

O roteiro de discussão é essencial para que a discussão esteja dentro do foco de pesquisa e criando ao mesmo tempo um espaço flexível para as colocações. É sugerido que seja planejado de acordo com o número de participantes e tempo estabelecido, sendo no caso dessa recomendação 10 perguntas divididas em categorias: questões abertas, questões introdutórias, questões de transição, questões chave e questões finais.

O número de participantes segue a recomendação de 5 a 8 pessoas convidando sempre 20% a mais para garantir a presença da quantidade escolhida pelo pesquisador. Mesmo com o número recomendado de membros, cabe ao pesquisador estimular a participação de todos e fazer acordos quanto à realização de atividades paralelas durante o encontro e a utilização do uso da câmera e *chat*, evitando que se “escondam” atrás do equipamento e não se envolvam nas discussões. Para isso, faz-se importante pactuar durante a execução do GF a manutenção das câmeras ligadas durante todo o GF e limitar o uso do *chat* apenas para compartilhamento de *links* e informações como e-mail e telefone e para pessoas com dificuldades com o uso de microfone ou com alguma outra especificidade que o limita de utilizá-lo, sabendo que exceções existem e que cabe ao moderador administrá-las.

Da mesma forma que a definição da estrutura física é imprescindível no GF presencial e requer atenção especial aos detalhes, também assim deve ser feito ao se escolher a plataforma virtual que será utilizada para a videoconferência do GF *on-line* considerando os recursos que precisará utilizar. Esta precisa permitir a presença da quantidade de pessoas estipulada, o compartilhamento de tela para expor o TCLE e demais documentos e materiais que o pesquisador queira e, a gravação de vídeo, áudio e mensagens caso haja possibilidade de interação por *chat*. Além disso, e mais importante, garantir que a plataforma seja simples de operar e de preferência gratuita, com tempo ilimitado de uso.

Quanto a equipe de condução, todos precisam ter habilidade com a tecnologia virtual, fazendo-se importante a presença do observador para abertura de sala, autorização de entrada, gravação, atenção às considerações feitas pelo *chat* e realizar anotações. O facilitador e co-facilitador além das habilidades inerentes à condução de GFs, precisa conhecer a temática a ser trabalhada.

Com relação a execução do GF *on-line*, esta requer boas-vindas seguidas de pactos de convivência com aspectos citados em parágrafos anteriores. Após, a equipe precisa ser apresentada, assim como abrir espaço para os membros se apresentarem. A explicação dos objetivos da pesquisa e garantia do sigilo através do TCLE é essencial para que o participante

se sinta seguro em um ambiente de confiança em que pode expor suas opiniões. Em seguida iniciam-se as discussões em torno do roteiro e finalmente resumo de tudo que foi dito para que o grupo confirme e possa ser verificado se nenhuma informação foi perdida no processo. Finalmente, os agradecimentos de participação e envolvimento para finalização do encontro.

Quadro 6 – Recomendações para uso da técnica de Grupo Focal *on-line*.

Seleção e mobilização de participantes	<ul style="list-style-type: none"> • Considerar a homogeneidade (atuação no mesmo programa) e heterogeneidade (diferenças em funções e setores) para seleção da amostra. • Sensibilizar parceiros da gestão local para mobilização de participantes em potencial. • Convite via e-mail e ligação telefônica, com reenvio um dia anterior com roteiro do ML, solicitação de entrada com 10 min de antecedência e <i>link</i> de acesso.
Roteiro/guia de discussão	<ul style="list-style-type: none"> • 10 questões-chaves
Número de participantes	<ul style="list-style-type: none"> • 5-8 pessoas (convidar 20% a mais)
Duração	<ul style="list-style-type: none"> • 90 minutos
Plataforma virtual	<ul style="list-style-type: none"> • Simples, gratuita e que permita a participação da quantidade de pessoas estabelecida, compartilhamento de tela e que garanta a gravação de vídeo, áudio e mensagens, e que possibilite uso por tempo ilimitado.
Equipe de condução	<ul style="list-style-type: none"> • Equipe com habilidade na tecnologia virtual • Moderador/facilitador hábil em GF e na temática • Co-facilitador hábil em GF e na temática • Observador para apoio – abertura de sala e permissão de entrada, garantia de gravação, atenção ao <i>chat</i>, anotações.
Execução	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas e acordos iniciais (regras básicas) • Apresentação dos participantes • Leitura e aprovação do TCLE • Início das discussões segundo roteiro de questões • Resumo com confirmação • Revisão do propósito e se algo foi perdido • Agradecimentos

Fonte: Elaboração própria.

Nesse sentido, em conclusão, as desvantagens ou limitações encontradas com o emprego da metodologia não causariam impacto no seu emprego em pesquisas qualitativas por ter se mostrado efetiva na captação de informação a partir da interação grupal, porém são importantes para que outros pesquisadores se atentem a elas e pensem em formas para reduzi-las durante o planejamento de suas pesquisas, sendo as recomendações metodológicas propostas nesse estudo um caminho para este fim.

7 CONCLUSÃO

Ao analisar o uso da técnica de GF *on-line* na elaboração do ML do PSE no âmbito federal, foi possível destacar importantes vantagens como a boa adesão dos participantes pela possibilidade de participarem mesmo estando em locais geograficamente distantes e o baixo custo envolvendo a execução do encontro como deslocamento, alimentação e espaço físico. Falhas e oscilações na internet são pontos a serem observados e previstos em planejamento para a utilização do método de forma virtual, a fim de minimizar dispersão e favorecer a interação durante as discussões, assim como a necessidade de estabelecer regras e pactuações iniciais quanto aos aspectos envolvendo uso da câmera, chat e microfones.

Quanto a contribuição do GF no formato *on-line* para a construção do ML do PSE, a técnica possibilitou o levantamento de contribuições importantes a partir da interação do grupo por meio do engajamento nas discussões e debates estabelecidos levando em conta o compartilhamento e troca de experiências que ocorreu. Além disso, permitiu o estreitamento de vínculos entre os profissionais participantes e o aprofundamento em temáticas voltadas ao Programa colaborando com a prática no serviço de saúde e educação.

A descrição do processo de planejamento e execução dos GFs realizados *on-line* de forma síncrona por videoconferência pôde demonstrar que o formato não possuiu tanta diferença metodológica dos GF presenciais, sendo relevante serem destacados alguns critérios, como a importância da seleção dos participantes (homogeneidade e heterogeneidade da amostra), definição de um roteiro bem estruturado conforme objetivos da pesquisa, a escolha da plataforma virtual que permita interação de forma verbal e escrita e, de um moderador hábil em GF, tecnologias digitais e na temática, assim como um co-facilitador e observador para apoio.

Por fim, esse estudo não tem a pretensão de esgotar o assunto sobre o GF *on-line* na pesquisa qualitativa e sim levantar a importância de maior diálogo entre os pesquisadores da área para definições de padrões mais claros sobre sua utilização. Entretanto, aponta caminhos possíveis para uso dessa técnica com as recomendações metodológicas realizadas a partir da experiência vivenciada nesse estudo.

REFERÊNCIAS

- ABBAD, G.S.; SOUZA, D.B.L.; LAVAL, A.S.; SOUZA, S.C.P. Modelos lógicos em avaliação de sistemas instrucionais: dois estudos de caso. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 12, n. 2, p.185-202, 2012.
- ABREU, N.R.; BALDANZA, R.F.; GONDIM, S.M.G. Os grupos focais on-line: das reflexões conceituais à aplicação em ambiente virtual. **Revista de Gestão da Tecnologia e Sistemas de Informação**, v.6, n.1, p.5-24, 2009.
- ARANTES, P.C.C.; DEUSDARÁ, B. Grupo focal e prática de pesquisa em Análise do Discurso: metodologia em perspectiva dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**, v.25, n.2, p.791-814, 2017.
- BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985. 248p.
- BORDENAVE, J.E.D. **O que é comunicação**. Editora Brasiliense, 1997.
- BRASIL. Decreto nº 6.286 de 5 de dezembro de 2007. Institui o Programa de Saúde na Escola – PSE, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6286.htm#:~:text=Decreto%20n%C2%BA%206286&text=DECRETO%20N%C2%BA%206.286%2C%20DE%205,que%20lhe%20confere%20o%20art>. Acesso em: 01 jul. 2020.
- _____. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.861, de 4 de setembro de 2008. Estabelece recursos financeiros pela adesão ao PSE para Municípios com equipes de Saúde da Família, priorizados a partir do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que aderirem ao Programa Saúde na Escola (PSE). Brasília, 2008. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/prt1861_04_09_2008.html>. Acesso em: 27 nov. 2020.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Teorias da comunicação**. Brasília: Universidade de Brasília, 2009. 106p.
- _____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Instrutivo PSE**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.
- _____. Ministério da Saúde. Portaria interministerial nº 1.413, de 10 de julho de 2013. Redefine as regras e critérios para adesão ao Programa Saúde na Escola (PSE) por Estados, Distrito Federal e Municípios e dispõe sobre o respectivo incentivo financeiro para custeio de ações. Brasília, 2013a. Disponível em: <<https://atencao basica.saude.rs.gov.br/upload/arquivos/201510/01114725-20141106150059portaria-interministerial-n-1-413-de-10-de-julho-de-2013.pdf>>. Acesso em: 27 nov. 2020.
- _____. Ministério da Saúde. Portaria nº 1.412, de 10 de julho de 2013. Institui o Sistema de Informação em Saúde para a Atenção Básica (SISAB). Brasília, 2013b. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2013/prt1412_10_07_2013.html>. Acesso em: 17 fev. 2021.

_____. Ministério da Saúde. **Caderno do Gestor do PSE**. Brasília: 2015a.

_____. Ministério da Saúde. Portaria nº 798 de 17 de junho de 2015. Redefine a Semana de Mobilização Saúde na Escola (Semana Saúde na Escola). Brasília, 2015b. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2015/prt0798_17_06_2015.html>. Acesso em: 01 jul. 2020.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Caderno de estudos do Curso em Conceitos e Instrumentos para o Monitoramento de Programas**. Brasília, DF: MDS, Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social; Centro de Estudos Internacionais sobre o Governo, 2016. 96 p.

_____. Portaria Interministerial no 1.055, de 25 de abril de 2017. Redefine as regras e os critérios para adesão ao Programa Saúde na Escola – PSE por estados, Distrito Federal e municípios e dispõe sobre o respectivo incentivo financeiro para custeio de ações. 2017. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/pri1055_26_04_2017.html>. Acesso em: 17 fev. 2021.

_____. **Documento orientador**: indicadores e padrões de avaliação – PSE ciclo 2017/2018. Brasília, 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Coordenação-Geral de Promoção da Atividade Física e Ações Intersetoriais. **Documento orientador**: indicadores e padrões de avaliação – PSE ciclo 2019/2020 versão preliminar. Brasília, 2020.

CASSIOLATO, M.; GUERESI, S. **Como elaborar modelo lógico**: roteiro para formular programas e organizar avaliação. Nota técnica. Brasília: Ipea, 2010.

CAVALCANTI, P.C.S.; JUNIOR, G.D.G.; VASCONCELOS, A.L.R.; GUERRERO, A.V.P. Um modelo lógico da rede cegonha. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v.23, n.4, p.1297-1316, 2013.

COSTA, G.S. Grupos focais: um novo olhar sobre o processo de análise das interações verbais. **Revista Intercâmbio**, v. XXV, p.153-172, 2012.

CRUZ, D.K.A.; TUSSET, D.; SANTOS, M.A.; REIS, G.A. Modelo lógico do Programa Academia da Saúde do Brasil. **International Journal of Development Research**, v.10, n.9, p. 40953-40957, 2020.

DUGGLEBY, W. What about focus group interaction data? **Qualitative Health Research**, v.15, n.6, p.832-840, 2005.

EAKIN, J. [Centre for Critical Qualitative Health Research] (2018). Qualitative Analysis and Interpretation: Theoretical Background and Introduction [arquivo de vídeo]. Retirado de: <http://redequali.unb.br/index.php/pt/recursos/videos>

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa**: um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013. 256p.

FONSECA, R.G. Ações e interações em grupos focais: algumas considerações sobre a análise dos dados. **Pensar a Prática**, v.20, n.3, p.604-613, 2017.

FONTENELE, R.M.; SOUSA, A.I.; RASCHE, A.S.; SOUZA, M.H.N.; MEDEIROS, D.C. Construção e validação participativa do modelo lógico do programa saúde na escola. **Saúde Debate**, v.41, n. especial, p. 167-179, 2017.

GOMES, R. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **Pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2014. 45p.

GONÇALVES, F.M.S.; FREITAS, K.R.S.O.; FERREIRA, S.P.A. **A produção de pesquisa qualitativa na perspectiva crítico-reflexiva**: intertextos entre a psicologia e a linguagem. João Pessoa: Editora UFPB, 2021.

GUERRA, E.L.A. **Manual de pesquisa qualitativa**. Belo Horizonte: Anima Educação, 2014.

GUI, R.T. Grupo focal em pesquisa qualitativa aplicada: intersubjetividade e construção de sentido. **rPOT**, v.3, n.1, p.135-160, 2003.

IERVOLINO, S.A.; PELICIONI, M.C.F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.35, n.2, p.115-121, 2001.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Brasil em desenvolvimento**: Estado, planejamento e políticas públicas. Brasília: Ipea, 2010. 270p.

KUENZER, A.Z. Desafios teórico- metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, G. (Org.). **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

KRUEGER, R.A. **Designing and conducting focus group interviews**. 2002. Disponível em: <<https://www.eiu.edu/ihec/Krueger-FocusGroupInterviews.pdf>>. Acesso em: 17 fev. 2021.

LADDS, E.; et al. Persistent symptoms after Covid-19: qualitative study of 114 “long covid” patients and draft quality principles for services. **BMC Health Services Research**, v.20, 2020.

LEITÃO, B.J.M. **Grupos de foco**: o uso da metodologia de avaliação qualitativa como suporte complementar à avaliação quantitativa realizada pelo Sistema de Bibliotecas da USP. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

LIMA, P.G. Pesquisa qualitativa: bases históricas e epistemológicas. **Ensaio Pedagógico**, v.2, n.1, p.5-17, 2018.

MEDINA, M.G.; SILVA, G.A.P.; AQUINO, R.; HARTZ, Z.M.A. Uso de modelos teóricos na avaliação em saúde: aspectos conceituais e operacionais. In: HARTZ, Z.M.A.; SILVA, L.M.V. (org.). **Avaliação em saúde: dos modelos teóricos à prática na avaliação de programas e sistemas de saúde**. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005, p.41-63.

MENDES, C.M. A pesquisa online: potencialidades da pesquisa qualitativa no ambiente virtual. **Hipertextus**, n.2, 2009.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde**. 9 ed. São Paulo: Hucitec, 2004. 406p.

_____. O desafio da pesquisa social. In: _____. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.3, p. 621-626, 2012.

PERLES, J.B. Comunicação: conceitos, fundamentos e história. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**. 2007.

RESSEL, L.B.; et al. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.17, n.4, p. 779-786, 2008.

ROLLS, K.; HANSEN, M.; JACKSON, D.; ELLIOTT, D. Why we belong – exploring membership of healthcare professionals in an intensive care virtual Community via online focus group: rationale and protocol. **JMIR Research Protocols**, v.5, n.2, e99, 2016.

RODRÍGUEZ, D.J.; et al. Increase in vídeo consultations during the COVID-19 pandemic: healthcare professionals perceptions about their implementation and adequate management. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, 2020.

ROMEIRO, C.; NOGUEIRA, J.A.D.; TINOCO, S.G.; CARVALHO, K.M.B. O modelo lógico como ferramenta de planejamento, implantação e avaliação do programa de promoção da saúde na estratégia de saúde da família do Distrito Federal. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v.18, n.1, p.132-142, 2013.

SAKAMOTO, I. [Centre for Critical Qualitative Health Research] (2018). Focus Group [arquivo de vídeo]. Retirado de: <http://redequali.unb.br/index.php/pt/recursos/videos>

SALVADOR, P.T.C.O.; ALVES, K.Y.A.; RODRIGUES, C.C.F.M.; OLIVEIRA, L.V. Estratégias de coleta de dados online nas pesquisas qualitativas da área da saúde: *scoping review*. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.41, e20190297, 2020.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. 2016p.

SANTOS, M. A.; CONCEIÇÃO, M. I. G.; SCAFF, L.; FALCAO, G. C.; REIS, G.A. Elaboração de versões preliminares dos Modelos Lógicos do Programa Saúde na Escola:

Modelo Lógico Gestão Federal e Modelo Lógico de implementação do programa Gestão municipal. Produto 3 do Projeto 914BRZ1066/ Edital 01/2018 - Programa Saúde da Escola: Saúde dos Escolares. 2020.

SCAFF, LA. **Construção do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito nacional**. 2019. 132 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2019.

SCHRÖEDER, C.S.; KLERING, L.R. Online focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. **Cadernos EBAPE**, v.7, n.2, 2009.

SKELTON, K.; et al. Utilization of online focus group to include mothers: a use-care design, reflection, and recommendations. **Digital Health**, v.4, p.1-6, 2018.

SOUSA, J.P. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. Porto, 2006.

SOUZA, L.K. Recomendações para a realização de grupos focais na pesquisa qualitativa. **PSI UNISC**, v.4, n.1, p.52-66, 2020.

STEFANELLI, M.C. **Comunicação com paciente: teoria e ensino**. 1993.

STEVENS, P.E. Focus groups: collecting aggregate-level data to understand community health phenomena. **Public Health Nursing**, v.13, n.3, p.170-176, 1996.

TAQUETTE, S.R. Análise de dados de pesquisa qualitativa em saúde. **Atas CIAIQ – Investigação Qualitativa em Saúde**. v. 2, p. 524– 533, 2016.

TAQUETTE, S.R.; MINAYO, C.M. Análise de estudos qualitativos conduzidos por médicos publicados em periódicos científicos brasileiros entre 2004 e 2013. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v. 26, n. 2, p.417-434, 2016.

TRAD, L.A.B. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, v.19, n.3, p. 777-796, 2009.

TURATO, E.R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

WEBER M. **A objetividade do conhecimento nas ciências e na política social**. Lisboa: Lisboa, 1974.

WILLIAMS, S.N.; ARMITAGE, C.J.; TAMPE, T.; DIENES, K. Public perceptions and experiences of social distancing and social isolation during the COVID-19 pandemic: a UK-based focus group study. **BMJ Open**, v.10, e039334, 2020.

WORLD HEALTH ORGANISATION (WHO). **Coronavirus disease (COVID-19) advice for the public**. Geneva: World Health Organisation, 2020.

ANEXO 1 – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL *ON-LINE* PARA ELABORAÇÃO DO MODELO LÓGICO DO PROGRAMA SAÚDE NA ESCOLA

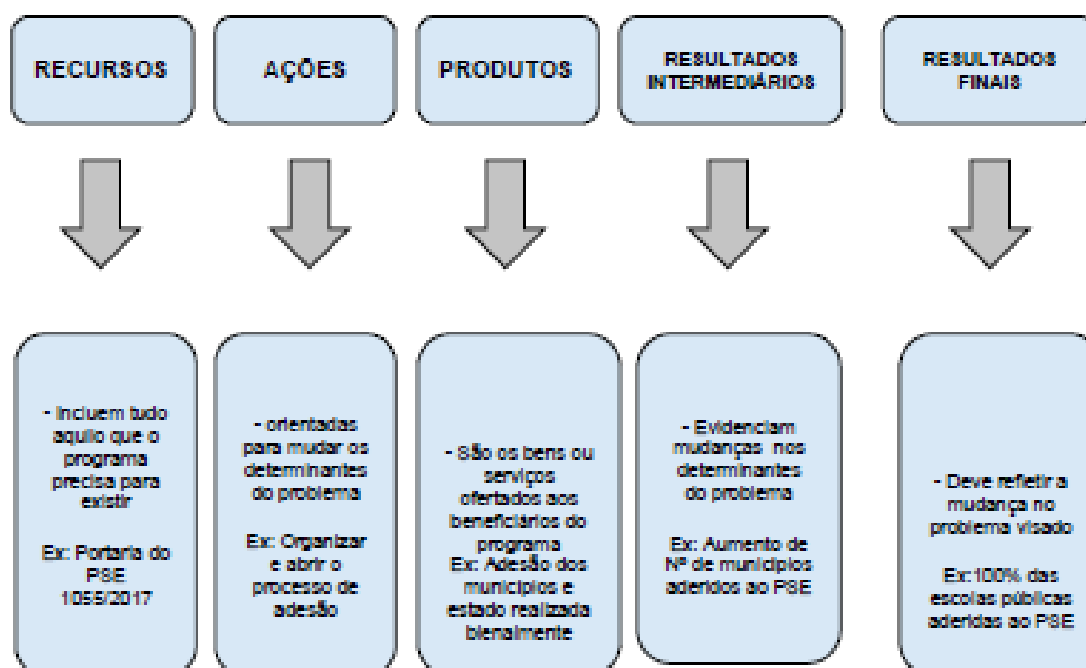
Prezadas/os,

Referências do Programa Saúde na Escola do Estado e Municípios participantes

A Oficina do Modelo Lógico do Programa Saúde na escola, tem como objetivo, discutir e buscar sugestões, do desenho do Modelo Lógico, já construído na primeira etapa, junto às equipes do programa nos Ministérios da Saúde e da Educação, seguindo a metodologia do Instituto Nacional de Pesquisa Aplicada, 2010 (IPEA) a qual é a base metodológica da construção do Modelo Lógico para avaliação de Políticas Públicas. Apostila que segue em anexo. Solicito que seja feita a leitura prévia para que tenhamos um panorama coletivo e alinhamento metodológico em relação a construção do Modelo Lógico, como uma avaliação de política pública.

Na imagem abaixo, tem uma rápida descrição dos componentes do Modelo Lógico do PSE: recursos, ações, produtos, resultados intermediários e resultados finais.

Colocamos um exemplo em cada componente, onde iniciaremos a construção do Modelo Lógico do Programa saúde na Escola, no âmbito do governo federal.



A Oficina do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola, tem como objetivo construir um desenho que represente a política do Programa no âmbito Federal.

O Procedimento Metodológico para a Construção do Modelo de Programas de Políticas Públicas, apresenta 3 etapas, conforme página 22 da apostila do IPEA (2010).

PROCEDIMENTOS PARA MODELO LÓGICO DE PROGRAMAS EXISTENTES

ETAPA 1 – Coleta e Análise das Informações (JÁ REALIZADA)

a) Coleta de documentação

A equipe gerencial do programa deve disponibilizar toda a documentação existente, que será útil para a preparação de entrevistas e para a pré-montagem do modelo lógico. Nesse caso, uma equipe externa ao programa, responsável pelo processo de construção do modelo lógico, definirá o que será útil dentre os documentos disponibilizados.

b) Entrevistas com integrantes da equipe gerencial dos Ministérios da Saúde e da Educação

Os responsáveis pela construção do modelo lógico irão realizar entrevistas com os integrantes da equipe gerencial para obter informações necessárias e sanar dúvidas e lacunas. Essas informações, adicionadas àquelas retiradas dos documentos coletados, serão sistematizadas em documento auxiliar para a pré-montagem do modelo lógico.

c) Sistematização das informações coletadas

Na análise dos documentos e das entrevistas realizadas, a equipe assessora irá extrair informações que serão sistematizadas em documento auxiliar para a etapa da pré-montagem.

É importante cuidar da consistência dessas informações. Quando houver duas ou mais informações diferentes, elas devem ser mantidas e registradas na pré-montagem do modelo lógico.

ETAPA 2 – Pré-Montagem do Modelo Lógico (ETAPA ATUAL/ REVISÃO DO MODELO JUNTO AOS ESTADOS E MUNICÍPIOS)

Uma vez de posse das informações levantadas na etapa anterior, a equipe assessora já tem os principais elementos para a construção do diagrama em que será organizado o Modelo Lógico.

ETAPA 3 – Validação do Modelo Lógico

A validação do modelo lógico do Programa será feita pelos integrantes da equipe gerencial durante Oficina organizada para fechamento do Modelo lógico junto a Gestão Federal, Ministérios da Saúde e da Educação. (**ETAPA A SER REALIZADA POSTERIORMENTE APÓS TODAS AS OFICINAS COM OS ESTADOS**).

LEMBRETE: É importante que os vínculos causais (que estarão representados como setas na figura do desenho do modelo), como componentes do modelo lógico, estejam adequadamente representados no fluxograma, de forma que seja possível ver claramente a relação entre aquilo que o programa deve produzir e o resultado a que se propõem.

A oficina do Modelo Lógico, em formato on-line, terá como procedimentos:

- 1) Apresentação histórica da construção do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola no âmbito nacional;
- 2) Apresentação dos participantes da Oficina;
- 3) Leitura e aprovação do Termo de Consentimento Livre Esclarecido;
- 4) Apresentação do Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola, já discutidos na primeira etapa, com os Ministérios da Saúde e da Educação;
- 5) Discussão e sugestões no Modelo Lógico do PSE_Nacional;
- 6) Fechamento do Modelo Lógico do Pse_sugestões São Paulo;
- 7) Considerações Finais.

O endereço da sala virtual, será encaminhado duas horas antes do início da Oficina.

Agradeço a colaboração e se houver alguma dúvida, pode ser esclarecida no celular 63 999716233.

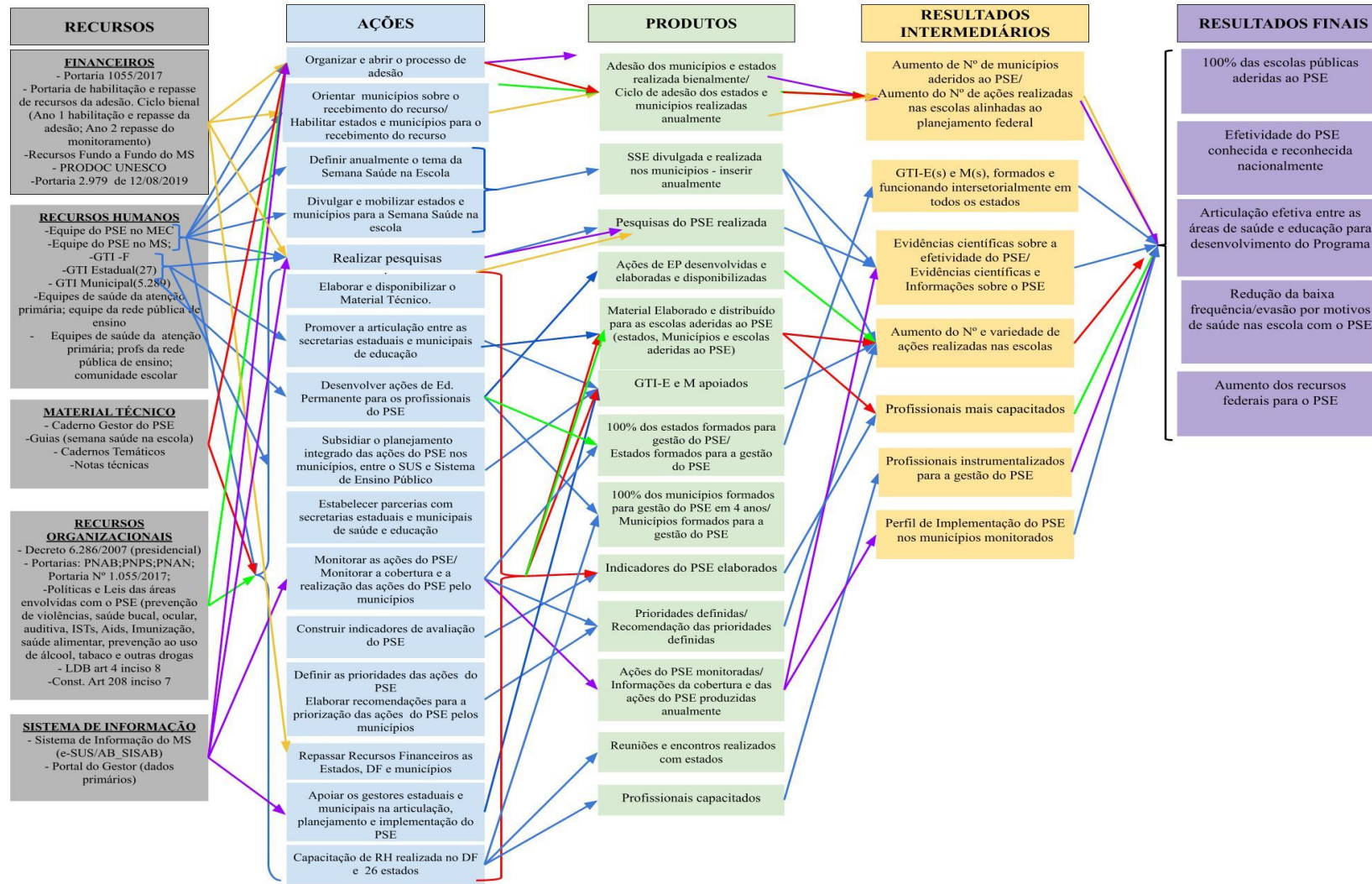
Marta Azevedo dos Santos

Consultora do Ministério da Saúde

Programa Saúde na Escola

Projeto: Promoção à Saúde dos Escolares

ANEXO 2 – MODELO LÓGICO UTILIZADO COMO GUIA NA CONDUÇÃO DO GRUPO FOCAL ON-LINE COM OS ESTADOS E MUNICÍPIOS



ANEXO 3 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA - PCL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA – PPG PSICC

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO _TCLE

Resolução CNS 466/2012

Convidamos o (a) Sr (a) a participar voluntariamente do projeto de pesquisa de pós-doutorado, “Modelo Lógico do Programa Saúde na Escola”, sob a responsabilidade da pesquisadora Marta Azevedo dos Santos e orientação da profa. Maria Inês Gandolfo Conceição.

O projeto visa, articular as áreas de saúde e educação, especificamente no território, entre a escola e a equipe da saúde de Atenção Básica de referência.

O objetivo desta pesquisa é elaborar e validar o modelo lógico do Programa Saúde na Escola.

O (a) senhor (a) receberá todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa e lhe asseguramos que seu nome não aparecerá sendo mantido o mais rigoroso sigilo pela omissão total de quaisquer informações que permitam identificá-lo (a).

A sua participação se dará por meio de entrevista, com um roteiro semi-estruturado, (no caso de gestor federal do programa), sendo em média, 1 hora para cada entrevista. Para a roda de conversa a duração média será de 2 horas cada roda, (no caso de gestores nos estados e municípios). Será gravada e posteriormente transcrita. Mantendo o sigilo ético.

O local será no local de trabalho das equipes gestoras no Ministério da Saúde e da Educação. E no local de atuação dos gestores nos estados e municípios. Na data de xx, de xx de 2020, a roda de conversa ocorrerá em formato de videoconferência, em virtude da pandemia do COVID-19. E o tempo estimado é de 3 horas de atividade.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa podem recorrer do retorno do processo mnemônico, de forma isolada e individual, e/ou ainda, trazer incômodos frente as dificuldades apresentadas no âmbito



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
 INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
 DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA - PCL
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
 CULTURA – PPG PSICC

da gestão federal, em se tratando de situação coletiva. Em ambos os casos, a pesquisadora responsável, ficará à disposição dos participantes da pesquisa, como suporte profissional, para as orientações psicológicas individuais, bem como orientações no âmbito da gestão, no que tange à saúde do trabalhador. Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção do Modelo Lógico do Programa Saúde da Escola, no âmbito nacional.

O (a) Senhor(a) pode se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo para o(a) senhor(a). Sua participação é voluntária, isto é, não há pagamento por sua colaboração.

Todas as despesas que você tiver relacionadas diretamente ao projeto de pesquisa (tais como, passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa ou exames para realização da pesquisa) serão cobertas pelo pesquisador responsável.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação na pesquisa, você deverá buscar ser indenizado, obedecendo-se as disposições legais vigentes no Brasil.

Os resultados da pesquisa serão divulgados nos Ministérios da Saúde e da Educação e na Universidade de Brasília, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se o(a) Senhor(a) tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Marta Azevedo dos Santos e Maria Inês Gandolfo Conceição Universidade de Brasília, nos telefones 63 999716233 e 63 32328200, mar-azevedo@hotmail.com, 61 982762485, (61) 31076834 disponível inclusive para ligação a cobrar, e-mail inesgandolfo@gmail.com. E ainda com Denise Bueno, no Ministério da Saúde (61) 33159068. Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências da Saúde (CEP/FS) da Universidade de Brasília, com data de 15 de agosto de 2017. O CEP é composto por profissionais de diferentes áreas cuja função é defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. As dúvidas



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA - PCL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA – PPG PSICC

com relação à assinatura do TCLE ou os direitos do participante da pesquisa podem ser esclarecidos pelo telefone (61) 3107-1947 ou do e-mail cepfs@unb.br ou cepfsmb@gmail.com, horário de atendimento de 10:00hs às 12:00hs e de 13:30hs às 15:30hs, de segunda a sexta-feira. O CEPFS se localiza na Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Universidade de Brasília, Asa Norte. Outros esclarecimentos, dúvidas ou sugestões quanto à autorização da pesquisa com seres humanos, podem ser enviados para a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, SEPN 510 Norte, Bloco A, 3º andar. Edifício Ex-INAN – Unidade II – Ministério da Saúde. Cep: 70750-521 – Brasília - DF. conep.cep@saude.gov.br / telefone (61) 33155877

Caso concorde em participar, pedimos que assine este documento que foi elaborado em duas vias, uma ficará com o pesquisador responsável e a outra com o Senhor (a).

Nome / assinatura

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Marta Azevedo dos Santos', is written over a light blue circular stamp.

Marta Azevedo dos Santos
Pesquisador Responsável

Brasília, 25 de maio de 2020.